

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

LICENCIATURA EM PSICOLOGIA

**PERCEPÇÃO DOS ADOLESCENTES SOBRE IDENTIDADE DE
GÉNERO. NA ESCOLA Nº 4078 PADRE ERNESTO RAFAEL,
CENTRALIDADE DE SEQUELE, CACUACO, PROVINCIA DE
LUANDA, NO ANO 2024**

Autora: Jamila Maria Luís Mateus

Orientador: Damião Félix João Banza, MS.C

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

LICENCIATURA EM PSICOLOGIA

**PERCEÇÃO DOS ADOLESCENTES SOBRE IDENTIDADE DE
GÉNERO. NA ESCOLA Nº 4078 PADRE ERNESTO RAFAEL,
CENTRALIDADE DE SEQUELE, CACUACO, PROVINCIA DE
LUANDA, NO ANO 2024**

Trabalho de fim do curso apresentado ao Instituto Superior de
Angola, como requisito para obtenção do título de licenciatura
em Psicologia, sob a orientação do Professor Damião Félix
João Banza, Ms.C

O JÚRI

Presidente _____

1º Vogal _____

2º Vogal _____

Secretário _____

Classificação: _____

Data _____ / _____ / _____

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos pais, pelo amor incondicional, pelo exemplo de dedicação e pelos valores que sempre me transmitiram. Sua orientação, apoio e encorajamento foram a base para cada conquista em minha vida. Este é o reflexo do esforço que vocês sempre depositaram em mim. Com gratidão eterna, dedico-lhes este marco.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pela força, sabedoria e saúde que me proporcionou durante todo o processo de realização deste trabalho. Sua graça foi fundamental para superar os desafios encontrados.

Ao meu orientador, Professor Mestre Damião Félix João Banza, manifesto minha profunda gratidão pela orientação, paciência e valiosas contribuições, que foram essenciais para a concretização deste estudo.

À direcção do Instituto Superior de Angola (ISA), bem como aos professores e colegas do curso, que, direta ou indirectamente, contribuíram para meu crescimento académico e pessoal

Aos meus familiares, que sempre me apoiaram incondicionalmente, oferecendo amor, incentivo e suporte em todos os momentos.

À direcção da Escola Nº 4078 Padre Ernesto Rafael, onde realizei o estudo de caso, agradeço pela disponibilidade, acolhimento e colaboração durante o desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, estendo minha gratidão a todos os colegas e amigos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, seja com palavras de apoio, críticas construtivas ou sugestões.

A todos os terceiros, meu muito obrigado.

RESUMO

O presente estudo analisa a percepção dos adolescentes sobre identidade de gênero na Escola Nº 4078 Padre Ernesto Rafael, Centralidade de Cacuaco, Luanda, no ano de 2024. A pergunta de partida investigou como os adolescentes compreendem e vivenciam questões relacionadas à identidade de gênero no ambiente escolar. Foram levantadas três hipóteses: a falta de informação contribui para preconceitos; crenças culturais e familiares influenciam as percepções; e o ambiente escolar pode promover uma compreensão mais inclusiva. O objectivo geral foi avaliar a maneira como os adolescentes da Escola nº 4078, percebem a identidade de gênero específicos focaram na identificação de factores culturais e sociais, avaliação do papel da escola e proposição de estratégias pedagógicas inclusivas. A justificativa acadêmica e social reflete a relevância do tema para a promoção de respeito à diversidade, enquanto a científica e profissional destaca a necessidade de intervenções pedagógicas eficazes. A pesquisa utilizou uma metodologia descritiva e qualitativa, com inquéritos aplicados a 156 participantes, incluindo alunos, professores e encarregados de educação. A população envolveu membros da comunidade escolar, e a amostra foi selecionada de forma aleatória. Os resultados mostraram que a falta de informação e as crenças culturais influenciam as percepções dos adolescentes, confirmando parcialmente as hipóteses. Estratégias inclusivas na escola ainda são insuficientes. Foram feitas sugestões como capacitação de professores, criação de espaços de diálogo e maior envolvimento dos pais. Conclui-se que a promoção de um ambiente escolar inclusivo requer esforços conjuntos da escola, alunos e famílias para superar preconceitos e fomentar o respeito à diversidade.

Palavras – chave: Percepção; Adolescente; Identidade de Gênero; Gênero

ABSTRACT

The present study analyzes adolescents' perception of gender identity at Escola Nº 4078 Padre Ernesto Rafael, Centralidade de Cacuo, Luanda, in the year 2024. The starting question investigated how adolescents understand and experience issues related to gender identity in school environment. Three hypotheses were raised: lack of information contributes to prejudice; cultural and family beliefs influence perceptions; and the school environment can promote more inclusive understanding. The general objective was to evaluate the way in which teenagers at School nº 4078 perceive specific gender identity, focusing on identifying cultural and social factors, evaluating the role of the school and proposing inclusive pedagogical strategies. The academic and social justification reflects the relevance of the topic for promoting respect for diversity, while the scientific and professional justification highlights the need for effective pedagogical interventions. The research used a descriptive and qualitative methodology, with surveys applied to 156 participants, including students, teachers and guardians. The population involved members of the school community, and the sample was selected randomly. The results showed that the lack of information and cultural beliefs influence adolescents' perceptions, partially confirming the hypotheses. Inclusive strategies at school are still insufficient. Suggestions were made such as teacher training, creating spaces for dialogue and greater parental involvement. It is concluded that promoting an inclusive school environment requires joint efforts by the school, students and families to overcome prejudices and encourage respect for diversity.

Keywords: Perception; Adolescent; Gender Identity; Gender

LISTA DE TABELAS E GRAFICOS

Tabela e gráfico nº 01. Como avalia o nível de compreensão dos alunos sobre identidade de gênero?	36
Tabela e gráfico nº 02. A escola promove discussões ou actividades educativas sobre identidade de gênero?	37
Tabela e gráfico nº03. Sente-se preparado para abordar o tema identidade de gênero em sala de aula?	38
Tabela e gráfico nº 04. Em sua opinião, como os alunos reagem ao tema identidade de gênero?	39
Tabela e gráfico nº05. Qual é a sua percepção sobre o impacto da discussão sobre identidade de gênero no ambiente escolar?	40
Tabela e gráfico nº06. Entende o que significa identidade de gênero?	41
Tabela e gráfico nº07. Já discutiu sobre identidade de gênero na escola?	42
Tabela e gráfico nº08. Como se sente ao discutir identidade de gênero na escola?	43
Tabela e gráfico nº 09. Em sua opinião, o respeito à identidade de gênero é importante?	44
Tabela e gráfico nº10. Sente que a escola respeita a identidade de gênero dos alunos?	45
Tabela e gráfico nº11. Acha que é importante discutir identidade de gênero na escola?	46
Tabela e gráfico nº12. Já conversou com seu filho(a) sobre identidade de gênero?	47
Tabela e gráfico nº13. Como se sente em relação a escola abordarem o tema identidade de gênero?	48
Tabela e gráfico nº14. Percebe mudanças na postura do seu filho(a) após discussões sobre identidade de gênero na escola?	49
Tabela e gráfico nº15. Acredita que discutir identidade de gênero na escola pode influenciar o comportamento dos alunos?	50

INDICE

DEDICATÓRIA	i
AGRADECIMENTOS	ii
RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	6
1.1. Definições de termos e conceitos	6
1.2. Resenha histórica sobre sexo, gênero, identidade de gênero e orientação sexual.	8
1.3. Classificação de Gênero, Diferenciando Seus Conceitos De Identidade E Expressão.	11
1.4. Construindo Identidades No Espaço Escolar	14
1.5. Teoria Psicossocial De Erik Erikson	19
1.6. Teoria Dos Campos Funcionais De Wallon	22
1.7. A Teoria Sociocultural De Vygotsky	23
1.8. O papel da escola na constituição da identidade da criança e do adolescente	25
1.9. A importância da escola no desenvolvimento humano	26
1.10. A Sociedade e as questões Sexuais na Adolescência.....	28
CAPÍTULO II: METODOLOGIA DE PESQUISA	33
2.1. Tipo de pesquisa	33
2.2. Modelo de abordagem.....	33
2.3. Nível de estruturação de métodos.....	33
2.4. Técnica de recolha.....	34
2.5. Instrumentos e procedimentos de recolha.....	34
2.6. População e amostra.....	35
CAPÍTULO III: DISCUSSÃO E RESULTADOS	36
3.1. Inquérito aplicado aos professores	36
3.2. Inquérito aplicado aos alunos	41
3.3. Inquérito aplicado aos 30 pais e encarregados de educação.....	
CONCLUSÕES.....	51
SUGESTÕES.....	53

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
---	-----------

APÊNDICES	1
------------------	----------

ANEXOS	5
---------------	----------

INTRODUÇÃO

A identidade de gênero é um tema que vem ganhando cada vez mais destaque nas discussões contemporâneas sobre diversidade e inclusão. No contexto escolar, a compreensão e aceitação das diversas formas de expressão de gênero são fundamentais para a promoção de um ambiente educacional seguro e acolhedor para todos os estudantes. Este estudo tem como objetivo explorar a percepção dos adolescentes sobre identidade de gênero na Escola nº 4078 Padre Ernesto Rafael, localizada na Centralidade de Cacuaco, Província de Luanda, no ano de 2024.

A adolescência é um período fundamental no desenvolvimento humano, caracterizado por intensas transformações físicas, emocionais e sociais. Durante essa fase, os jovens estão em processo de construção de sua identidade, incluindo a identidade de gênero. As escolas desempenham um papel vital nesse processo, pois são espaços onde os adolescentes passam grande parte do seu tempo e onde ocorrem interações sociais significativas.

A aquisição da identidade de gênero e o processo global da socialização do masculino ou do feminino estão intimamente ligados às primeiras vivências do indivíduo. Logo após o nascimento, a primeira identificação da criança com seu corpo se dá através dos seus órgãos sexuais, e a partir desse momento o ser começa a receber mensagens sobre o que a sociedade espera desta menina ou menino. Estes elementos constitutivos terão efeito mais tarde na construção da identidade do adolescente, na qual é importante considerar os processos sociais e culturais que ele experimentou, como a inserção na escola, religião e outros.

De acordo com Bretas et al. (2011) A identidade constitui-se talvez, o fator central do gênero e da sexualidade, tendo em vista a identificação desta enquanto processo constante de mudança, como também nas suas implicações para a experiência da vida sexual.

No entanto, a abordagem sobre identidade de gênero nas escolas muitas vezes enfrenta desafios, como preconceitos, falta de informação e políticas inadequadas. Esses

desafios podem impactar negativamente a experiência escolar dos adolescentes que não se identificam com as normas tradicionais de gênero.

Portanto, compreender como os adolescentes percebem a identidade de gênero e quais são suas experiências e desafios pode fornecer compreensão valiosos para a implementação de estratégias educativas mais inclusivas.

Este estudo busca não apenas mapear as percepções dos adolescentes sobre identidade de gênero, mas também identificar os factores que influenciam essas percepções, como a família, a Mídias, os pares e a própria escola. A investigação será realizada por meio de entrevistas, questionários e grupos focais com os alunos da Escola nº4078 Padre Ernesto Rafael.

A identidade de gênero é uma dimensão fundamental da identidade pessoal que influencia significativamente a experiência dos adolescentes na escola.

No entanto, muitas vezes, a compreensão e aceitação das diversas expressões de gênero enfrentam desafios consideráveis, especialmente em contextos onde o conhecimento sobre o tema é limitado ou envolto em preconceitos.

Na Escola nº 4078, Padre Ernesto Rafael, na Centralidade de Cacuaco, Província de Luanda, essa questão torna-se ainda mais relevante considerando o papel central que a escola desempenha na formação dos jovens e na promoção de um ambiente inclusivo e respeitoso.

Diante do exposto, a problemática deste estudo reside na necessidade de entender a seguinte questão:

De que maneira os adolescentes da Escola nº 4078, Padre Ernesto Rafael percebem a identidade de gênero?

Hipóteses

Para Gil (2002, p.31) hipótese é a tentativa de oferecer uma solução possível mediante uma proposição, ou seja, uma expressão verbal suscetível de ser declarada verdadeira ou falsa.

Tendo como base a problemática anteriormente descrita, formularam-se as seguintes hipóteses para o presente estudo:

Hipótese 1. Os adolescentes da Escola nº 4078, Padre Ernesto Rafael possuem uma percepção limitada e muitas vezes preconceituosa sobre a identidade de gênero devido à influência de factores culturais e tabus familiares tradicionais.

Hipótese 2. Adolescentes que se identificam com diversas formas de expressão de gênero enfrentam desafios significativos, como discriminação e exclusão social, dentro do ambiente escolar.

Hipótese 3. A falta de implementação de programas educacionais e políticas escolares voltadas para a diversidade de gênero pode contribuir de forma negativa a maneira dos adolescentes da Escola nº 4078, Padre Ernesto Rafael como percebem a identidade de gênero.

Objectivos

Geral

Avaliar a maneira como os adolescentes da Escola nº 4078, Padre Ernesto Rafael na Centralidade de Sequele Cacuaco, Província de Luanda, no ano de 2024 percebem a identidade de gênero.

Específicos

Identificar os factores que influenciam a percepção dos adolescentes sobre a identidade de gênero, como a família, as Mídias, os pares e o ambiente escolar.

Descrever as experiências e desafios enfrentados por adolescentes que se identificam com diversas formas de expressão de gênero no ambiente escolar.

Propor sugestões estratégicas educativas e políticas escolares que promovam a inclusão e o respeito à diversidade de gênero entre os alunos.

Justificativa

A problemática exposta apresenta grande relevância na atual conjuntura educativa. Trata-se de um tema de interesse pessoal, acadêmico e social.

Academicamente, este estudo contribui para o corpo de conhecimento sobre a identidade de gênero no contexto escolar, oferecendo uma compreensão aprofundada das percepções dos adolescentes e dos fatores que moldam essas percepções. Ao investigar um tema de relevância crescente, esta pesquisa pode servir como base para futuros estudos acadêmicos e para o desenvolvimento de teorias e modelos explicativos sobre identidade de gênero e educação.

Do ponto de vista social, a promoção da igualdade de gênero e do respeito à diversidade é importante para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Compreender as percepções dos adolescentes sobre a identidade de gênero e os desafios que enfrentam no ambiente escolar é essencial para desenvolver intervenções eficazes que possam reduzir o preconceito e a discriminação, melhorando o bem-estar e a integração social dos jovens.

Importa realçar ainda, a pesquisa científica sobre identidade de gênero na adolescência é fundamental para identificar os fatores que influenciam as percepções e atitudes dos jovens. Este estudo pode fornecer dados empíricos valiosos que informam políticas públicas, programas educacionais e iniciativas sociais, contribuindo para a criação de ambientes mais acolhedores e respeitosos para todos os indivíduos, independentemente de sua identidade de gênero.

Para profissionais da área de educação, compreender a temática sobre a identidade de gênero no ambiente escolar, é vital para promover uma educação inclusiva e equitativa. Este estudo oferece conhecimentos práticos que podem orientar o INDE, Ministério da Educação, e os sindicatos de professores, a elaboração de currículos e a implementação de políticas escolares que respeitem e valorizem a diversidade de gênero, contribuindo para um ambiente de aprendizagem mais saudável e produtivo.

Limitação e delimitação

Limitação do Estudo

Este estudo foi limitado à análise das percepções dos adolescentes sobre identidade de gênero na Escola nº4078 Padre Ernesto Rafael, situada na Centralidade de Cacuaco, província de Luanda. A pesquisa foca exclusivamente no contexto escolar, sem abranger outros ambientes como a família ou a comunidade em geral. Delimitação do Estudo

O estudo foi realizado durante o ano lectivo de 2024, envolvendo alunos matriculados na referida escola. A pesquisa incluiu alunos do ensino médio, com idades entre 14 e 18 anos, de ambos os sexos e de diferentes contextos socioeconômicos. Foi utilizado inquérito por questionário como principais instrumentos de colecta de dados, visando compreender as percepções e atitudes dos adolescentes em relação à identidade de gênero.

Assim, o nosso trabalho esta dividido em três capítulos, a saber:

No primeiro capítulo, falaremos da fundamentação teórica, onde inicialmente abordará alguns termos e conceitos, algumas teorias relacionadas ao tema.

No segundo capítulo, aborda as questões metodológicas do estudo, população e amostra, tipo de pesquisa, etc...

Já no terceiro capítulo, apresenta os resultados do tratamento dos dados que foram recolhidos.

Finalmente, contempla as conclusões, sugestões, referências bibliográficas, apêndices e anexos.

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Definições de termos e conceitos

Percepção

Segundo Silva (2022), percepção é o processo psicológico que envolve a interpretação dos estímulos sensoriais, permitindo que o indivíduo organize e atribua significados ao mundo ao seu redor. Este processo é influenciado por fatores como experiências passadas, emoções e contexto social.

De acordo com Moura (2021), percepção é a capacidade de reconhecer, interpretar e organizar informações sensoriais de maneira a formar uma representação consciente do ambiente, influenciada pelas expectativas e conhecimentos prévios do indivíduo.

Conforme Ferreira e Costa (2023), a percepção é entendida como um processo cognitivo que permite a construção de significado a partir de estímulos recebidos pelos sentidos, sendo moldada pelas experiências culturais e sociais de cada pessoa.

No pensamento do grupo, percepção é uma forma de entendimento em torno de algo ou, um projecto.

Adolescente

Para Santos (2020), adolescente é o indivíduo em uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, caracterizada por mudanças físicas, psicológicas e sociais significativas, geralmente compreendendo a faixa etária dos 12 aos 18 anos.

Segundo Pereira e Almeida (2022), adolescente é definido como uma pessoa em desenvolvimento biopsicossocial, enfrentando um período de intensas transformações hormonais, emocionais e cognitivas, que influenciam sua identidade e adaptação social.

De acordo com Rodrigues (2021), adolescente é aquele que vive um período de crescimento e amadurecimento marcado pela busca de identidade e independência, situado entre os limites da infância e da vida adulta, com desafios próprios em contextos familiares e sociais.

Na visão do grupo, adolescente é o indivíduo da faixa etária para o crescimento social, emocional.

Identidade de Gênero

Conforme Nogueira (2023), identidade de gênero é a compreensão e vivência que um indivíduo tem de si mesmo como pertencente a um gênero específico (masculino, feminino, ambos, nenhum ou outro), independentemente do sexo atribuído ao nascimento.

Segundo Dias e Fonseca (2020), identidade de gênero é o sentimento intrínseco de pertencimento a um gênero, que pode ou não corresponder ao sexo biológico da pessoa, sendo um conceito fundamental para a auto-identificação e expressão pessoal.

De acordo com Martins (2021), identidade de gênero é a percepção interna de uma pessoa em relação ao seu próprio gênero, que pode variar ao longo da vida e ser influenciada por fatores biológicos, psicológicos e sociais. No nosso pensamento, a identidade de gênero é a identificação da pessoa de maneira como se sente ou seja se enxerga, sendo do sexo feminino ou masculino.

Gênero

Segundo Carvalho (2021), gênero indica um conjunto de papéis, comportamentos e expectativas sociais atribuídos a indivíduos com base em seu sexo, sendo uma construção social que influencia as dinâmicas de poder e relações sociais.

De acordo com Silva e Andrade (2022), gênero é um conceito que vai além das diferenças biológicas entre homens e mulheres, englobando a identidade, expressões e normas sociais que determinam o que é considerado masculino e feminino em diferentes culturas.

Conforme Oliveira (2023), gênero é uma categoria social que se refere às expectativas e normas culturais associadas ao comportamento de indivíduos percebidos como homens ou mulheres, influenciando diretamente a organização social e as experiências individuais.

Para o grupo, gênero é tudo aquilo que foi definido ao longo tempo e que a nossa sociedade percebe como papel, função ou comportamento esperado de alguém com base em seu sexo biológico.

1.2. Resenha histórica sobre sexo, gênero, identidade de gênero e orientação sexual.

A partir da década de 60, o mundo vivenciou um intenso processo de transformação social, influenciado pelos movimentos feministas que revolucionaram as relações sociais e de poder desde os primórdios do século XX. Esses movimentos desencadearam uma série de novos contextos e configurações na interação entre os sexos, impactando diretamente os papéis femininos e masculinos dentro da sociedade brasileira. Essas mudanças tiveram consequências significativas na sociedade (Carvalho; Melo, 2019).

As transformações sociais ocorridas a partir dos movimentos feministas e das discussões sobre gênero trouxeram à tona a necessidade de ampliar o entendimento e a percepção sobre as categorias de gênero. Antes, havia uma visão restrita e binária de que o gênero era determinado exclusivamente pelo sexo biológico, o que limitava as possibilidades de expressão e identificação das pessoas (Silva, 2021).

Entretanto, com o avanço dos debates e a compreensão de que o gênero é uma construção social e cultural, passamos a reconhecer a existência de uma diversidade de identidades de gênero. Além das categorias tradicionais de homem e mulher, entendemos que existem pessoas que se identificam como não binárias, gênero, bi gênero, gênero fluido, entre outras identidades (Silva, 2021).

Essas categorias de gênero ampliadas demonstram que o gênero não é uma característica fixa e imutável, mas sim uma experiência subjetiva e individual. Cada pessoa tem o direito de identificar-se e expressar-se de acordo com sua própria percepção de gênero, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento (Silva, 2021).

Todavia, é importante destacar que o processo de compreensão e aceitação das categorias de gênero ainda enfrenta desafios. Muitas pessoas enfrentam preconceito, discriminação e violência por não se encaixarem nos padrões tradicionais de gênero. A

sociedade como um todo precisa estar disposta a questionar e desafiar essas normas, promovendo a conscientização, o diálogo e a educação sobre as questões de gênero (Silva, 2021).

Assim, mesmo com a implementação de leis que garantem a igualdade jurídica entre os sexos e com o aumento das oportunidades e opções de vida para as mulheres, as desigualdades de gênero persistem devido a condições sociais e políticas enraizadas na sociedade, que buscam justificar tais desigualdades como resultantes de supostas diferenças naturais entre homens e mulheres (Carvalho; Melo, 2019).

Para iniciar as reflexões, é essencial estabelecer as definições de alguns conceitos fundamentais que irão nortear e sustentar toda a construção e desenvolvimento desta seção. Esses conceitos dizem respeito às noções de sexo, gênero, identidade de gênero e orientação sexual (sexualidade).

O termo sexo refere-se às características biológicas e físicas atribuídas a uma pessoa ao nascer. Tradicionalmente, as categorias de sexo são divididas em masculino e feminino, com base em características como genitália, cromossomos e hormônios sexuais. No entanto, é importante notar que existem variações intersexuais, nas quais as características sexuais podem não se encaixar estritamente nas categorias binárias (Silva, 2021).

Ao explorar as noções e definições de gênero, é importante ressaltar que ele não se limita apenas aos ideais de gênero associados ao sexo genital. A distinção entre sexo e gênero é fundamental nesse contexto, uma vez que o sexo está vinculado à biologia (hormônios, genes, sistema nervoso e morfologia), enquanto o gênero está relacionado à cultura (psicologia, sociologia e aprendizado vivido desde o nascimento) (Carvalho; Melo, 2019).

O gênero é uma construção social e cultural que abrange os papéis, comportamentos, normas e expectativas atribuídas às categorias de masculinidade e feminilidade em uma determinada sociedade. Ele é moldado por fatores sociais, históricos e culturais, e pode variar ao longo do tempo e entre diferentes culturas (Carvalho; Melo, 2019).

Essa distinção entre sexo e gênero é essencial compreender que a identidade de gênero de uma pessoa não está estritamente ligada às características biológicas ou ao sexo atribuído ao nascer. A identidade de gênero é uma experiência interna e subjetiva, que se refere à forma como cada pessoa se percebe, se identifica e se sente em relação ao seu gênero. Pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento (Golçalves, 2021).

Logo nessa perspectiva, identidade de gênero, é entendida como a forma que os seres humanos se reconhecem a si como pertinentes, ou não, de determinado gênero ou de possuírem características femininas ou masculinas, sem que deixem de pertencer ao que se constitui por homem ou mulher. Ressalta que nossa identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais em que estamos inseridos. Isso destaca que além de sermos moldados pelos conceitos de gênero estabelecidos pela sociedade, as condições sociais também influenciam a construção da nossa identidade em relação ao gênero (Golçalves, 2021).

Portanto, a identidade de gênero vai além das categorias binárias e estáticas de homem e mulher. Ela reconhece a diversidade de experiências e percepções individuais sobre o gênero, e destaca a importância de respeitar e valorizar as diferentes formas de identificação e expressão de gênero. Ao compreendermos a natureza fluida e complexa da identidade de gênero, podemos promover a inclusão, a igualdade de direitos e o respeito a todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero (Golçalves, 2021).

Neste sentido é fundamental abordar as questões de gênero desde cedo, por meio de programas educacionais abrangentes e inclusivos, que ensinem às crianças e adolescentes sobre igualdade, consentimento, respeito às diferenças e prevenção da violência. Essa educação deve ser contínua e abordar não apenas as questões de gênero, mas também as interseções com raça, classe social, orientação sexual e outras formas de opressão (Carvalho; Melo, 2019).

No que tange à orientação sexual define-se como o estabelecimento de relações emocional, afetiva e sexual, bem como relações íntimas e sexuais com indivíduos de um gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero. Esta é essencial para a identidade de cada indivíduo e pode abranger diversas possibilidades. A orientação sexual não está relacionada diretamente ao gênero, mas sim à atração que uma pessoa sente por pessoas de um determinado gênero ou por pessoas de múltiplos gêneros (Carvalho; Melo, 2019).

Ao reconhecer e valorizar a diversidade de identidades de gênero, estamos contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa, onde todas as pessoas possam se expressar sem medo ou discriminação. A sociedade precisa estar ciente dessas questões e trabalhar para eliminar a discriminação e garantir igualdade de direitos para todos, independentemente de sua orientação sexual.

1.3. Classificação de Gênero, Diferenciando Seus Conceitos De Identidade E Expressão.

Ao discutir gênero, é importante entender e diferenciar os conceitos de identidade de gênero e expressão de gênero. Ambos desempenham um importante papel na compreensão da diversidade de experiências de gênero.

A Identidade de gênero refere-se à percepção interna e pessoal de uma pessoa em relação ao seu gênero. É como alguém se identifica e se sente em termos de ser homem, mulher, ambos, nenhum ou outros gêneros que não se enquadram na dicotomia tradicional. A identidade de gênero não está necessariamente ligada à anatomia ou aos papéis de gênero socialmente atribuídos. Por exemplo, uma pessoa pode ter uma identidade de gênero masculina, mesmo que tenha sido designada como mulher ao nascer (Boffi; Santos, 2022).

É uma experiência interna e individual de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento. Ela engloba o senso pessoal do corpo, que pode envolver a modificação da aparência ou função corporal por meio de escolhas médicas, cirúrgicas ou outros meios (Boffi; Santos, 2022)

Já a expressão de gênero refere-se à maneira como uma pessoa manifesta ou apresenta seu gênero para o mundo exterior. É a forma como escolhe se vestir, se comportar, falar, usar o cabelo e se envolver em atividades que são socialmente associadas a uma determinada identidade de gênero. A expressão de gênero é uma forma de autoexpressão e pode variar amplamente entre as pessoas (Caetano; Lima Castro, 2019).

A expressão de gênero não está necessariamente vinculada à identidade de gênero de alguém. Uma pessoa pode ter uma identidade de gênero que não corresponda às expectativas tradicionais associadas ao seu sexo atribuído no nascimento, e, ao mesmo tempo, pode escolher se expressar de maneira que seja socialmente associada ao seu sexo atribuído ou viceversa. Por exemplo, uma pessoa designada como mulher ao nascer pode se identificar como homem e escolher se expressar de maneira que seja socialmente associada ao gênero masculino (Caetano; Lima Castro, 2019).

Dessa forma, é tida como uma construção social e cultural, e suas normas e expectativas podem variar amplamente em diferentes culturas e ao longo do tempo. A sociedade tende a atribuir certos comportamentos, roupas e características a diferentes identidades de gênero e a expressão de gênero podem ser influenciadas por essas normas e expectativas (Souza, 2022).

Ressalta-se que a expressão de gênero é uma escolha individual e pessoal. Cada pessoa tem o direito de se expressar de maneira autêntica, de acordo com sua identidade de gênero e sua própria personalidade. Assim deve-se respeitar a expressão de gênero de uma pessoa para criar um ambiente inclusivo e acolhedor, onde todos possam ser aceitos e valorizados em sua diversidade de expressão de gênero (Caetano; Lima Castro, 2019).

Em relação a classificação de categorias de gênero, esta pode variar dependendo do contexto e da abordagem utilizada. No entanto, é importante mencionar que o gênero é uma construção social e cultural, e as categorias de gênero são mais fluidas e abrangentes do que uma classificação rígida (Tilio; Hains, 2021).

A visão da sociedade em relação às categorias de gênero tem evoluído ao longo do tempo e varia em diferentes culturas e contextos. Historicamente, muitas sociedades operaram com uma visão binária de gênero, reconhecendo apenas duas categorias fixas: homem e mulher. Essa visão binária tem sido fundamentada em normas e expectativas de gênero rigidamente definidas, que atribuem papéis e comportamentos específicos a cada categoria (Caetano; Lima Castro, 2019).

No entanto, nas últimas décadas, tem havido um aumento significativo na conscientização e no reconhecimento da diversidade de identidades de gênero. A sociedade está se tornando mais consciente de que o gênero não se limita apenas às categorias binárias e que existem pessoas com uma variedade de identidades que não se enquadram nesses padrões tradicionais (Caetano; Lima Castro, 2019). Essa mudança tem sido impulsionada por movimentos sociais, ativismo, pesquisa acadêmica e uma maior visibilidade das pessoas transgênero e não binárias.

As pessoas estão cada vez mais dispostas a questionar as normas tradicionais de gênero e a reconhecer que a identidade de gênero é uma construção individual e pessoal, independentemente do sexo atribuído no nascimento (Caetano; Lima Castro, 2019).

No entanto, é importante destacar que essa mudança de percepção e aceitação não é uniforme em todas as pessoas. Em algumas partes do mundo, as identidades de gênero fora do binário tradicional ainda são estigmatizadas e enfrentam discriminação. Muitas vezes, essas pessoas enfrentam desafios significativos em termos de acesso a direitos básicos, cuidados de saúde adequados, inclusão social e reconhecimento legal de suas identidades de gênero (Tilio; Hains, 2021).

É preciso ter respeito pela autoidentificação dos indivíduos em relação ao seu gênero. Cada pessoa tem o direito de se identificar e expressar seu gênero da maneira que se sente mais autêntica. Devido a isso alguns cuidados são essenciais, como: utilizar pronomes e terminologia adequados à identidade de gênero de cada pessoa, evitar suposições baseadas na aparência física ou em estereótipos de gênero; buscar aprender sobre as diferentes identidades de gênero, suas histórias e suas lutas, para uma melhor compreensão e comunicação; estar ciente dos preconceitos e da discriminação

enfrentados por pessoas com identidades de gênero e defender a inclusão e a igualdade de direitos para todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero, promovendo ambientes seguros e inclusivos em que as pessoas se sintam respeitadas e valorizadas em sua diversidade de gênero (Tilio; Hains, 2021).

A sociedade como um todo, está em um processo de aprendizado e compreensão contínuos sobre as categorias de gênero. Desse modo, deve promover uma maior educação e conscientização sobre a diversidade de identidades de gênero, combater a discriminação e o preconceito, e criar espaços mais inclusivos e acolhedores para todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero. Isso envolve a promoção da igualdade de direitos, o respeito pela autodeterminação de gênero e a valorização da diversidade como um componente essencial de uma sociedade justa e inclusiva (Tilio; Hains, 2021).

Ao discutir gêneros sexuais, é necessário ouvir e aprender com as experiências de outras pessoas, praticar a empatia ao tentar compreender os desafios e as vivências únicas de cada indivíduo em relação ao seu gênero. É fundamental respeitar e reconhecer as diversas formas pelas quais as pessoas se identificam e se expressam, promovendo uma sociedade inclusiva e respeitosa com a diversidade de gênero. Portanto, ao abordar o tema objetivo principal deve ser o de promover a compreensão, a aceitação e a igualdade de direitos para todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero.

1.4. Construindo Identidades No Espaço Escolar

Ao se buscar uma melhor compreensão da construção das identidades em alunos adolescentes, há que se levar em conta os elementos discursivos, a intertextualidade, a ludicidade, a contextualidade e a intersubjetividade, presentes no processo de interação escolar.

Para que o simbólico seja reconhecível pelo grupo, a escola se comportaria como uma instituição codificadora. Nela seriam elaborados ou introduzidos valores, idéias, conhecimentos e símbolos presentes na sociedade e indiretamente relacionados à construção das identidades. Cada escola deveria ser considerada como um ecossistema,

como uma comunidade de organismos (corpos docente, discente e administrativo), relacionando-se entre si e com o meio social.

Diferenças à parte dos trobriandeses, estudados por Malinowski (1982), na nossa sociedade o cotidiano dos adolescentes está basicamente marcado por três grupos de referência: a família, os vizinhos e a escola. A diversidade é uma tônica comum a cada um desses mundos, tanto no tocante ao número de pessoas, quanto ao de modelos de tempo, de espaço e de identidades. Comparativamente à família e à vizinhança, o número de relacionamentos tende a ser numericamente maior na escola. Esta última constitui-se num espaço mais populoso e burocrático, em que poucos adultos organizam e continuamente avaliam as atividades de um grande número de adolescentes. Nela, o ritmo de tempo está regulado e controlado: horário de entrada e de saída, horário de aula, semana de provas, atividades extra-classe e um sem número de rituais que caracterizam o cotidiano escolar.

Diversamente do meio familiar, onde o adolescente pode ter aumentadas sua privacidade e sua individualidade, na escola é impossível escapar à rede social. De um lado, na família, tem-se um lugar privilegiado da interrelação e da aprendizagem social que desempenha uma função psicossocial no desenvolvimento do adolescente e, particularmente, na construção da sua identidade. De outro, na escola, o adolescente observa os outros, adquire o reconhecimento dos seus próprios comportamentos, assim como avalia intenções, valores e normas subjacentes (Louro, 2004).

Nesse processo de interrelação, segundo Castells (1999), as identidades se ligam às atividades, à história de vida, ao futuro, aos sonhos e fantasias de cada adolescente. As identidades permitem, de um lado, sua percepção como sujeito único, tomando posse de sua realidade individual e, portanto, da consciência de si mesmo. De outro, permitem a diferenciação entre o eu e o outro, termo de comparação que possibilita o destaque das características identitárias de cada um.

A questão da identidade só surge com a exposição à comunidade escolar (Bauman, 2005). O universo escolar possibilita um entrelaçamento de grupos de diferentes tamanhos e referências sociais, regidos por um sistema de normas e regras de

funcionamento, capazes de se atualizarem conforme os interesses de seus participantes. Comparando com o caráter quase compulsório dos grupos familiar e de vizinhos, na escola o estudante tem uma liberdade maior de formar seus próprios grupos.

Segundo Louro (1999), são muitas as identidades que os alunos podem construir no espaço escolar, podendo ser provisórias, descartáveis, rejeitadas e abandonadas. São eles, desse modo, sujeitos de identidades transitórias e contingentes e, nada proíbe pensar que diferentes quadros identitários se imbricam uns aos outros, a fim de contribuir para o sentimento de identidade (Deschamps; Moliner, 2009, p.147).

Nessa mesma perspectiva, Hall (2005) assinala que há, dentro de nós, identidades contraditórias, empurrando-nos em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Consequentemente, as identidades sociais têm caráter fragmentado, instável, histórico e plural. Serão as diferenças e semelhanças individuais dos alunos, seus conflitos de valores, necessidades de reconhecimento recíproco com seus pares e julgamentos de imagem de si e dos outros que balizarão a constituição dos diversos grupos no espaço escolar e, simultaneamente, a de suas próprias identidades.

A passagem da infância para a vida adulta não somente envolve uma dramática transformação anátomo-fisiológica, mas também entalha novos significados de identidades e de gênero. É claro que a identidade do sujeito já começa a ser construída desde a mais tenra idade até a velhice, por meio da transmissão, da aprendizagem e da influência social (Deschamps; Moliner, 2009). Contudo, nesse processo de mudança biopsicossocial, o corpo do adolescente passa a tornar-se um objeto próprio de práticas sociais, não existindo, portanto, uma única adolescência e, sim, várias.

Ao utilizar a categoria adolescência, há que se considerá-la intimamente vinculada com as categorias de classe social, etnia, raça, sexualidade, idade e outras presentes no contexto escolar.

Ciampa (1984) argumenta que no processo de construção das identidades não podemos isolar os elementos biológicos, psicológicos e sociais, que caracterizam um indivíduo, de suas representações acerca de si mesmo. A construção social das

identidades de adolescentes, por ser transitória, é um processo ativo e contínuo similar a um jogo, com seus componentes de preparação, engajamento, divertimento e encenação.

Jogar com as identidades é dramatizá-la. Os adolescentes expressam o seu imaginário pelo jogo, pelo gesto e pelo corpo durante seu processo de construção de identidade. Quando eles se reúnem para formar grupos nos pátios, na cantina, nos corredores, na saída ou na entrada do colégio, se envolvem na situação, projetando seus estados afetivos. Nesses momentos, adotam papéis sociais, de referência de grupo e gênero para jogar conversa fora, para jogar cartas, brincar, correr, ouvir músicas, fumar, namorar, ou seja, para jogar com as idéias e significados de classe social, gênero, etnia, raça, sexualidade e idade.

Ao se comportarem assim, ressignificam a história, o cotidiano e a cultura. A ênfase na ação e na atividade da construção social das identidades como um jogo, contrastando com as suas atividades curriculares cotidianas, apontam como, às vezes, elas são contraditórias, um indicativo de que os adolescentes não são passivamente socializados (Thorne, 1994, Weeks, 1995, Louro, 2004).

De modo geral, os estudantes adolescentes utilizam, como base de diferenciação identitária, o sexo, a raça, a etnia, a classe social e a religião. A reflexão sobre a construção das identidades, adverte Gomes (2003), não pode prescindir da discussão da formação humana como processo mais amplo, mais complexo. Nesse processo, as dimensões pessoais não podem ser separadas da vivência concreta das relações sociais, pois estão interligadas e se constroem no cotidiano de cada adolescente. Contudo, quando adolescentes estão em grupo, essas diferenças tendem a se tornarem menos manifestas, prevalecendo como fator de coesão, a idade, o gênero, a identificação, a realização comum das tarefas e regras escolares (Carvalho, 2000).

A maioria dos adolescentes confirma a representação social³ de que as escolas, fortemente, se configuram como instituições formais, burocráticas, preocupadas em afirmar o poder e a disciplina, através de atividades institucionais como avaliações, chamadas e participação em sala de aula. Isso se deve, em parte, à existência de

vínculos entre a escola e a sociedade que, de alguma maneira, se expressam nas atividades curriculares. A escola não trata de qualquer conhecimento; ela lida, como afirma Forquin;

[...] com alguns aspectos da cultura que foram selecionados por serem reconhecidos como podendo ou devendo dar lugar a uma transmissão deliberada e mais ou menos institucionalizada, ou seja, aquilo que uma dada sociedade considera digno de integrar o currículo (Forquin, 1993, p. 11)

Há um descompasso entre a realidade vivida dos alunos e a representação social que a escola faz sobre a construção de suas identidades. A escola, enquanto uma instituição social, pode impor, ou constranger de modo legítimo, aos diversos grupos sociais nela presentes, os valores, atitudes e comportamento da cultura que se afirma como hegemônica, num jogo de relações (des) articuladas entre o saber, a relação social e afirmação das identidades.

Dessa forma, e sob uma aparência de neutralidade, a escola acaba por reproduzir e divulgar a ideologia de que as identidades e comportamentos sexuais são definidos, essencialmente, pela natureza e que a divisão de gênero é distinta, reforçando a imagem estereotipada de relacionamentos divulgados pela mídia ou pelo mercado.

Para Santos (2006), essa visão representa uma estratégia de se tornarem incomunicáveis as identidades e para dificultar a concentração de resistências emancipatórias.

Depreende-se disso, que a representação, feita pelos alunos sobre o ensino da sexualidade/afetividade, da ênfase aos aspectos formais trabalhados pelas disciplinas no espaço escolar, da discussão de suas próprias identidades, parece estar, no geral, impregnada da idéia de que a instituição escolar é conservadora e está defasada em relação a outras fontes de divulgação de significados, facilmente encontráveis na internet, na televisão, nas revistas ou na roda de amigos.

1.5. Teoria Psicossocial De Erik Erikson

Erik Erikson psicanalista alemão desenvolveu a teoria do Desenvolvimento Psicossocial que tem fortes raízes psicanalíticas, mas fez importantes expansões e reconstruções sob a teoria freudiana, sob sua perspectiva essa teoria compreende que a identidade se desenvolve durante toda a vida, sofrendo mudanças mesmo após a adolescência (Bee, 2003).

O desenvolvimento do ego depende de aspectos sociais e culturais, assim, o meio influencia diretamente no desenvolvimento pessoal do indivíduo. Erikson afirma que o desenvolvimento do ego se estende por toda a vida, o crescimento psicológico ocorre através de estágios e fases, sua teoria abrange oito estágios do ciclo de vida, cada estágio passa pelo desafio de lidar com situações que devem ser elaboradas pelo indivíduo. Quando superados, podem desenvolver virtudes. Os estágios propostos pelo autor são:

Confiança básica versus desconfiança básica (1º ano de vida): Nesse estágio, o bebê desenvolve a confiança em seus cuidadores. Se as necessidades do bebê forem atendidas de forma consistente e amorosa, ele desenvolverá um senso de confiança básica. Se as necessidades do bebê forem negligenciadas ou atendidas de forma inconsistente, ele desenvolverá um senso de desconfiança básica.

Autonomia versus vergonha e dúvida (2-3 anos): Nesse estágio, a criança aprende a controlar seus impulsos e movimentos. Se a criança for encorajada a ser independente e a explorar seu ambiente, ela desenvolverá um senso de autonomia. Se a criança for criticada ou punida por seus esforços de independência, ela desenvolverá um senso de vergonha e dúvida.

Iniciativa versus culpa (4-5 anos): Nesse estágio, a criança começa a explorar o mundo ao seu redor e a tomar decisões por si mesma. Se a criança for encorajada a tomar iniciativas e a assumir riscos, ela desenvolverá um senso de iniciativa. Se a criança for culpada por suas iniciativas, ela desenvolverá um senso de culpa.

Diligência versus inferioridade (6-12 anos): Nesse estágio, a criança começa a aprender habilidades acadêmicas e sociais. Se a criança for bem-sucedida em suas

tarefas e se sentir valorizada por seus professores e colegas, ela desenvolverá um senso de diligência. Se a criança for malsucedida ou se sentir rejeitada, ela desenvolverá um senso de inferioridade.

Identidade versus confusão de identidade (12-20 anos): Nesse estágio, o adolescente começa a formar sua identidade individual. Se o adolescente for capaz de integrar suas diferentes experiências e valores, ele desenvolverá um senso de identidade. Se o adolescente não for capaz de integrar sua identidade, ele desenvolverá um senso de confusão de identidade.

Intimidade versus isolamento (20-40 anos): Nesse estágio, o adulto jovem começa a formar relacionamentos íntimos com outras pessoas. Se o adulto jovem for capaz de formar relacionamentos íntimos, ele desenvolverá um senso de intimidade. Se o adulto jovem não for capaz de formar relacionamentos íntimos, ele desenvolverá um senso de isolamento.

Geratividade versus estagnação (40-60 anos): Nesse estágio, o adulto maduro começa a contribuir para o mundo ao seu redor. Se o adulto maduro for capaz de contribuir para o mundo, ele desenvolverá um senso de generativeness. Se o adulto maduro não for capaz de contribuir para o mundo, ele desenvolverá um senso de estagnação.

Integridade versus desespero (60 anos em diante): Nesse estágio, o idoso reflete sobre sua vida. Se o idoso estiver satisfeito com sua vida, ele desenvolverá um senso de integridade. Se o idoso estiver insatisfeito com sua vida, ele desenvolverá um senso de desespero.

Esses problemas, que aparecem em um cronograma de amadurecimento, devem ser resolvidos satisfatoriamente para desenvolver um self saudável. Cada estágio requer um equilíbrio entre as tendências positivas e as tendências negativas correspondentes. As qualidades positivas devem prevalecer, mas algumas qualidades negativas também são necessárias para o desenvolvimento ideal. (Papalia e Feldman, 2013).

O quinto estágio da Teoria Psicossocial de Erik Erikson denominado estágio Identidade versus

Confusão de Papéis começa com as crises de papéis, este aborda a crise vivenciada na adolescência. Essa etapa é marcada por transformações físicas e psicológicas requerendo do adolescente segurança para passar por todas elas (Rabello e Passos, citado por Leite e Lima, 2019, p. 155).

A identidade, segundo Erikson, forma-se quando os jovens resolvem três questões importantes: a escolha de uma ocupação, a adoção de valores sob os quais viver e o desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória. (Papalia e Feldman, 2003).

A teoria da personalidade e do desenvolvimento proposta por Erik Erikson é importante por três principais razões: Primeiro, ela fornece uma visão abrangente do desenvolvimento humano. Erikson acreditava que o desenvolvimento é um processo contínuo que ocorre ao longo da vida, e sua teoria descreve as principais tarefas e crises que os indivíduos enfrentam em cada estágio. Essa visão abrangente é importante porque ajuda a compreender como as experiências de uma pessoa em uma fase da vida podem afetar seu desenvolvimento em fases posteriores.

Segundo a teoria de Erikson enfatiza a importância das relações sociais no desenvolvimento. Ele acreditava que as relações sociais são essenciais para o desenvolvimento da personalidade, e sua teoria descreve como as relações com os pais, os colegas e a sociedade como um todo contribuem para o desenvolvimento do indivíduo. Essa ênfase nas relações sociais é importante porque ajuda a compreender como o contexto social pode influenciar o desenvolvimento humano.

Terceiro, a teoria de Erikson é aplicável a pessoas de todas as culturas. Erikson acreditava que os estágios de desenvolvimento são universais, e sua teoria foi aplicada com sucesso a pessoas de diferentes culturas. Essa aplicabilidade transcultural é importante porque ajuda a compreender como o desenvolvimento humano é influenciado por fatores culturais. Em resumo, a teoria de Erikson é uma ferramenta valiosa para entender o desenvolvimento humano. Ela fornece uma visão abrangente do

desenvolvimento, enfatiza a importância das relações sociais e é aplicável a pessoas de todas as culturas.

1.6. Teoria Dos Campos Funcionais De Wallon

Wallon criou a concepção de campos funcionais para explicar como ocorre o progresso cognitivo de uma criança, que seriam categorias de atividades intelectivas próprias.

Para os autores, a criança deve ser vista de forma integral e holística, enfatizando aspectos cognitivos, biológicos e emocionais. Wallon desenvolveu quatro conceitos sobre campos funcionais: motor (comportamento motor ou motilidade), emoção, intelecto e pessoa (formação do self). A relação entre organismos cujo desenvolvimento se inicia no recém-nascido (movimentos essencialmente reflexos e impulsivos, também conhecidos como descargas motoras) e o ambiente humano que os interpreta. Nesta fase, apenas se distinguem os estados de saúde ou mal-estar. (Prandini; Ouro, 2021).

Para Wallon, as emoções são compreendidas como um conjunto de funções que respondem por estados de bem-estar e desconforto quando uma pessoa é afetada e afeta o mundo ao seu redor.

Segundo Wallon, a emoção é a expressão das dimensões psicológicas e biológicas. As manifestações mentais são representadas pelos sentimentos e desejos, e as manifestações biológicas pelas emoções. (Wallon; Dér citado por Dautro; Lima, 2018).

Wallon afirma que as emoções não podem ser vistas isoladamente, mas estão integradas às funções intelectuais, motoras e sociais, sendo, portanto, essenciais para a sobrevivência da espécie humana, estabelecendo vínculos interpessoais básicos, incluindo fusão e diferenciação. A relação entre sujeito e conhecimento real (Alexandroff, 2014).

De acordo com a teoria postulada por Wallon, a constituição da inteligência está intimamente ligada a fatores tanto biológicos quanto sociais. Isso leva à consolidação de que a essência da inteligência é tanto genética quanto biologicamente social. Os fatores

biológicos referem-se às emoções. Visto de outra forma, os fatores sociais referem-se ao contexto social em que uma pessoa está inserida, e desempenham um papel importante em dois aspectos fundamentais: o sistema de símbolos e a linguagem. Esses dois aspectos interagem de forma mútua, resultando no aumento do poder de abstração do indivíduo. Segundo Dantas, podemos compreender que os seres humanos são intrinsecamente seres sociais e que sua estrutura orgânica depende da influência da cultura para se desenvolver e evoluir. (Dantas, 1992 citado por Dautro; Lima, 2018).

Conforme a concepção walloniana, o ser humano é um campo funcional que engloba simultaneamente outros domínios, tais como a emoção, o comportamento motor e a inteligência (Galvão, 1995). Durante as fases iniciais da vida, esses três campos funcionais da emoção, do movimento e do intelecto estão intimamente integrados, formando assim um quarto campo funcional, a formação da pessoa, embora ainda em estágio imaturo (Dantas citado por Dautro; Lima, 2018).

1.7. A Teoria Sociocultural De Vygotsky

Vygotsky apontou que a infância é o processo pelo qual a criança interage com o mundo e a define como um ser biológico, histórico e social, quer dizer, a criança é concebida como um ser pensante (processo iniciado pela linguagem) capaz de sua mente se conectar com o mundo. Atuam no mundo das representações que compõem sua cultura (Oliveira,, Valente & Junior, 2018).

Vygotsky (1929/2000) apontava que todo desenvolvimento cultural passa por três fases: em si, para os outros, para si, para as quais ele exemplifica a psicogênese dos gestos indicativos: inicialmente direcionados a objetos sem sucesso O movimento de apreensão, no segundo momento, a mãe toma isso como uma deixa e, finalmente, a criança começa a dar a deixa. O processo de desenvolvimento cultural mostra que nos constituímos através dos outros.

Vygotsky (2000) vê o homem como uma personalidade social", isto é, uma coleção de relações sociais (funções psicológicas construídas pela estrutura social) corporificadas no indivíduo.

Qualquer função mental superior é externa, ou seja, é social; antes de se tornar uma função, é uma relação social entre duas pessoas. Ou seja, você que antes vivia para os outros, agora vive para si mesmo (Vygotsky, 1929/2000).

Isso leva Vygotsky a construir uma lei geral: qualquer função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos primeiro no social, depois no psicológico, primeiro entre as pessoas como categoria Inter psicológica, depois dentro da criança? (citado por Vieira e Henriques, 2014).

A interiorização das relações interpessoais irá, portanto, constituir a base da estrutura social da personalidade. O que era relação torna-se função psicológica. Mas as funções psicológicas não apenas se constituem nas relações interpessoais, elas também determinam o modo como as funções relacionam-se entre si dentro de uma mesma personalidade. O que foi uma vez interação social entre pessoas tornar-se-á, após o processo de interiorização, interação entre as funções psicológicas superiores. (Vieira e Henriques, 2014, pág 164-165).

Faz-se necessário apontar que, para Vygotsky (2000), o desenvolvimento humano ocorre em um processo contínuo de interação entre o indivíduo e o ambiente. Nesse processo, o indivíduo aprende e se desenvolve a partir das interações com outras pessoas, principalmente com os adultos e os pares. Alguns conceitos como o desenvolvimento real, ou seja, o que o indivíduo é capaz de fazer de forma autônoma, sem a ajuda de outras pessoas e o desenvolvimento potencial, que é o que o indivíduo é capaz de fazer com a ajuda de outras pessoas mais experientes. Ajudam a identificar formas de analisar as relações no contexto escolar.

Outro conceito importante é a zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Trata-se da distância entre o desenvolvimento real e o potencial. É a região de funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação. Vygotsky (2000) acreditava que a ZDP é o lugar onde ocorre o desenvolvimento. É no processo de interação com outras pessoas que o indivíduo tem acesso a conhecimentos e habilidades que não seria capaz de adquirir por conta própria.

Um exemplo da ZDP é uma criança que está aprendendo a ler. A criança pode ler palavras simples de forma autônoma, mas ainda não é capaz de ler palavras mais complexas. A ajuda de um adulto, como um professor ou um pai, pode ajudar a criança a superar essa dificuldade e alcançar um nível de leitura mais avançado.

Os conceitos de desenvolvimento real, potencial e zona de desenvolvimento proximal são importantes para entender o processo de desenvolvimento humano. Eles enfatizam a importância das relações sociais no desenvolvimento, pois é através das interações com outras pessoas que o indivíduo tem acesso a novos conhecimentos e habilidades.

1.8. O papel da escola na constituição da identidade da criança e do adolescente

O processo de constituição do eu se dá por diversas condições, e enfatiza-se a importância da escola no desenvolvimento da identidade, fora do ambiente familiar, se torna o ambiente onde ocorrem as mais significativas interações sociais de uma criança e de um adolescente.

A escola assume uma função que vai além da transmissão de conhecimento e questões burocráticas e formais. É também um espaço de comunicação social, a partir das interações que ocorrem nesse ambiente é que se formam valores e crenças de um indivíduo. Nessa perspectiva, a educação escolar não somente desenvolve a capacidade para apropriação do conhecimento acumulado, mas a formação humana mais plena. (Maieron & Frison, 2018).

As instituições sociais adquirem um importante significado no processo de construção da identidade, posto que se constituem no espaço de produção de saberes, de experiências, de interações, de comunicações, de intenções e das operações de sentido simbólicas. Cada instituição social possui estrutura, modos e meios de funcionamento específicos. (Carvalho, pág. 210, 2012).

O primeiro espaço onde uma criança desenvolve sua socialização é no seu contexto familiar, nela são criadas ligações emocionais fortes e duradoura, é onde a criança

cresce, atua, desenvolve e expõe seus sentimentos, experimenta as primeiras recompensas e punições, a primeira imagem de si mesma e seus primeiros modelos de comportamentos que vão se inscrevendo no interior dela e configurando seu mundo interior. (Sousa & Filho, 2007).

Quando se inicia a idade escolar, seu ciclo social se expande e a criança se vê inserida dentro de um contexto completamente novo, a escola. Na escola, a criança e o adolescente expandem seu número de relacionamentos para além das interações familiares, o ambiente familiar é o ponto primário das interações entre membros, e a escola se introduz nesse conjunto como um ponto igualmente crucial.

Quando se expandem os contextos sociais, a criança e o adolescente se vêm criando novos ciclos e experimentando diferentes relações sociais, são indivíduos de diferentes contextos sociais e com diferentes crenças e normas de funcionamento, que se entrelaçam em um ambiente comum, podendo experimentar e capazes de se atualizarem conforme os interesses de seus participantes. Comparando com o caráter quase compulsório dos grupos familiar e de vizinhos, na escola o estudante tem uma liberdade maior de formar seus próprios grupos. (Carvalho, 2012).

Segundo Louro (1999), são muitas as identidades que os alunos podem construir no espaço escolar, podendo ser provisórias, descartáveis, rejeitadas e abandonadas. São eles, desse modo, sujeitos de identidades transitórias e contingentes e, nada proíbe pensar que diferentes quadros identitários se imbricam uns aos outros, a fim de contribuir para o sentimento de identidade (Deschamps; Moliner, 2009, p.147).

1.9. A importância da escola no desenvolvimento humano

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A escola tem como objetivo preparar os indivíduos para a sociedade, é por meio das interações que se sucedem nesse ambiente que criamos repertório que possibilitam o convívio em sociedade. (Moraes, 2009). Ela surge como uma instituição essencial para a constituição do indivíduo assim como para a evolução da sociedade, além de permitir

o desenvolvimento cognitivo e preparar o sujeito para a vida social (Polônia citado por Moraes, 2009).

As experiências vivenciadas nos primeiros anos escolares impactam diretamente na formação de uma base sólida para a experimentação da vida social e acadêmica. As escolas desempenham um papel fundamental como um elemento unificador que conecta, guia e apresenta uma ampla gama de influências relacionadas à formação da identidade. Além de serem instituições educacionais, as escolas também se configuram como comunidades que moldam a vida e o destino de seus membros, que compartilham uma conexão profunda e significativa. (Bauman, citado Carvalho, 2015).

É na escola, cuja função privativa é a transmissão dos conhecimentos socialmente elaborados pela cultura, que o desenvolvimento da criança e do jovem pode alcançar níveis muito mais elevados no que concerne ao seu funcionamento psíquico. Isto porque, nesse momento, o sujeito passa a ter contato com conhecimentos formais, conceitos, princípios explicativos, novos modos de representação e explicação da realidade que exigem, por sua vez, novos modos de compreender e pensar do sujeito. Essa demanda do meio promove novas relações ou nexos entre as funções psicológicas que conferem ao sistema psicológico maior qualidade quanto às possibilidades de ação e pensamento.

Segundo Vigotski (1930/2006), é no final da infância e início da adolescência que se desenvolve uma função psicológica, justamente como resultado das relações entre as demais funções referidas, de grande importância para a aprendizagem dos conhecimentos escolares e para o desenvolvimento do sujeito: o pensamento por conceito. (Souza, pág. 3, 2022).

No contexto do papel desempenhado pelas escolas, é necessário enfatizar a visão de Vygotsky (1925/2007) sobre a relação entre aprendizagem e desenvolvimento, o autor argumenta que esses processos estão inerentemente interligados, reforçando-se mutuamente a formação de novas ações e habilidades de pensamento. Vygotsky enfatizou a importância da aprendizagem porque representa um meio de exposição à cultura. A aquisição de cultura, por sua vez, inicia um processo de desenvolvimento e, à medida que esse desenvolvimento se desenrola, cria novas oportunidades de

aprendizagem. Com base neste conceito, acredita-se sempre que a escola é o motor fundamental para estimular o desenvolvimento pessoal.

1.10. A Sociedade e as questões Sexuais na Adolescência

A sexualidade na adolescência é uma fase crucial do desenvolvimento humano, caracterizada por mudanças físicas, psicológicas e sociais significativas. É nesse período que os jovens exploram sua identidade sexual, descobrem desejos e despertam para novas experiências. No entanto, a forma como a sociedade lida com as questões sexuais nessa fase da vida ainda é um tema complexo e muitas vezes desafiador (Silva et al., 2021).

Na adolescência ocorrem intensas transformações físicas, emocionais e psicológicas, incluindo o despertar da sexualidade. Durante essa fase, os adolescentes começam a explorar sua identidade sexual e descobrir seu lugar dentro da sociedade. Cada adolescente tem uma experiência única e pode descobrir e definir sua própria sexualidade ao longo do tempo. É importante reconhecer que a sexualidade na adolescência pode se manifestar de diferentes maneiras. Alguns adolescentes podem ter interesse em explorar relacionamentos românticos e íntimos, enquanto outros podem optar por adiar essas experiências. Além disso, a orientação sexual também pode se tornar evidente durante esse período (Horta, 2019).

Uma das principais tarefas dos adolescentes é a descoberta e a compreensão de sua identidade sexual e emocional. Isso envolve explorar seus sentimentos, desejos e atrações, além de entender suas próprias preferências e limites pessoais. É um momento de autodescoberta e de formação de valores e crenças relacionadas à sexualidade (Monroygarzon; Silva, 2023).

No entanto, as questões sexuais na adolescência são frequentemente acompanhadas de percepções variadas e, às vezes, conflitantes, por parte da sociedade. A forma como a sociedade lida com as questões sexuais da adolescência pode variar dependendo de fatores culturais, religiosos, políticos e socioeconômicos. Não há uma abordagem única ou universalmente aplicada, pois diferentes sociedades e comunidades

têm suas próprias percepções e normas em relação à sexualidade juvenil. No entanto, é possível observar algumas tendências gerais (Horta, 2019).

Em muitas culturas, a sociedade tende a ter visões ambíguas ou até mesmo negativas em relação à sexualidade dos adolescentes. Existe ainda uma abordagem mais conservadora e restritiva em relação à sexualidade dos adolescentes. Isto faz com que a sociedade adote visões tradicionais e moralistas, enfatizando a abstinência sexual e a preservação da pureza até o casamento (Monroy-Garzon; Silva, 2023).

Por outro lado, existem sociedades mais progressistas e abertas em relação às questões sexuais da adolescência. Essas sociedades tendem a valorizar a educação sexual abrangente, que vai além dos aspectos biológicos e inclui informações sobre saúde sexual, relacionamentos saudáveis, consentimento, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e contracepção. O diálogo aberto sobre sexualidade é encorajado, e os adolescentes são incentivados a buscar informações e apoio quando necessário (Monroy-Garzon; Silva, 2023).

No entanto, mesmo em sociedades mais progressistas, ainda podem existir desafios e lacunas na forma como as questões sexuais da adolescência são abordadas. Algumas vezes, a educação sexual pode ser insuficiente ou inadequada, não atendendo às necessidades específicas dos adolescentes. O estigma e a discriminação relacionados à diversidade sexual e de gênero podem persistir, afetando negativamente os adolescentes LGBTQ+ e sua experiência sexual (Carvalho; Melo, 2019).

Uma das principais percepções da sociedade em relação às questões sexuais na adolescência é a preocupação com a segurança e o bem-estar dos jovens. Isso é compreensível, considerando a importância de proteger os adolescentes de situações prejudiciais ou abusivas. No entanto, muitas vezes

, essa preocupação é expressa de maneira excessivamente restritiva, limitando a liberdade e a autonomia dos jovens em explorar e compreender sua sexualidade (Monroy-Garzon; Silva, 2023). Além disso, as percepções da sociedade muitas vezes são moldadas por normas culturais, religiosas e tradicionais que enfatizam a abstinência e a preservação da pureza sexual até o casamento. Essas visões conservadoras podem

criar um ambiente onde a sexualidade dos adolescentes é vista como uma ameaça à moralidade e à ordem social, resultando em julgamento, condenação e até mesmo discriminação (Monroy-Garzon; Silva, 2023).

No entanto, é importante lembrar que a sexualidade faz parte da experiência humana e é um aspecto fundamental do desenvolvimento saudável durante a adolescência. Negar ou reprimir a sexualidade dos adolescentes pode levar a consequências negativas, como a falta de educação sexual adequada, comportamentos de risco e dificuldades no estabelecimento de relacionamentos saudáveis no futuro (Monroy-Garzon; Silva, 2023).

Uma abordagem mais equilibrada e inclusiva em relação às questões sexuais na adolescência envolve fornecer uma educação sexual abrangente, que vá além da mera transmissão de informações biológicas, abordando também temas como consentimento, relacionamentos saudáveis, diversidade sexual e orientação de gênero (Monroy-Garzon; Silva, 2023).

A certa ênfase na necessidade de educação sexual adequada, fornecendo informações precisas e acessíveis para que os jovens possam tomar decisões informadas e saudáveis. Por outro lado, existe o estigma e os tabus associados à sexualidade juvenil, resultando em desinformação, silêncio e até repressão (Horta, 2019).

A educação sexual pode ser limitada, com informações básicas sobre anatomia e reprodução, mas pouco abrangente em relação a relacionamentos, consentimento, diversidade sexual e outros aspectos importantes da sexualidade humana. O diálogo aberto sobre sexualidade pode ser desencorajado ou até mesmo reprimido, criando um ambiente de silêncio e tabu (Monroy-Garzon; Silva, 2023).

Além disso, é essencial que a sociedade crie um ambiente de diálogo aberto e livre de julgamentos, onde os adolescentes se sintam confortáveis para buscar orientação e apoio. À medida que a sociedade evolui e reconhece a importância de abordar a sexualidade na adolescência de maneira saudável e inclusiva, podemos ajudar os jovens a desenvolver uma compreensão positiva e respeitosa de si mesmos e dos outros. Isso

permitirá que eles construam relacionamentos saudáveis, tomem decisões informadas e se tornem adultos sexualmente saudáveis e felizes (Carvalho; Melo, 2019).

O cuidado e a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes requerem uma abordagem abrangente que envolva múltiplos setores da sociedade. A sexualidade dos adolescentes não é apenas uma questão individual, mas também está intrinsecamente ligada ao contexto social, cultural e político em que vivem. Portanto, é fundamental que diversos atores desempenhem papéis complementares para garantir a saúde e o bem-estar dos jovens (Carvalho; Melo, 2019).

Os serviços de saúde desempenham um papel fundamental na oferta de informações corretas, aconselhamento e acesso a métodos contraceptivos e serviços de prevenção e tratamento de doenças sexualmente transmissíveis. Além disso, é importante que esses serviços sejam acessíveis, confidenciais e livres de julgamentos, para que os adolescentes se sintam à vontade para buscar ajuda (Silva et al., 2021).

Atinente a isso, as instituições educacionais também desempenham um importante papel no empoderamento dos adolescentes em relação à sua saúde sexual e reprodutiva. A educação sexual abrangente nas escolas pode fornecer informações precisas, promover a consciência sobre os direitos sexuais e reprodutivos, abordar questões de gênero e fornecer habilidades de comunicação e tomada de decisões. Este tema deve ser incluído, abrangendo diferentes orientações sexuais, identidades de gênero e realidades socioeconômicas, garantindo que todos os adolescentes tenham acesso a informações relevantes e não discriminatórias (Horta, 2019).

Ademais, a formulação de políticas é fundamental para criar um ambiente propício ao cuidado e à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. As políticas devem garantir a disponibilidade de serviços de saúde acessíveis, programas educacionais abrangentes, proteção contra discriminação e violência baseadas na sexualidade e gênero, além de promover a participação ativa dos adolescentes na tomada de decisões relacionadas à sua saúde (Horta, 2019).

Ainda de acordo com a autora supracitada, o envolvimento dos governos é essencial para estabelecer políticas e programas que abordem as necessidades dos

adolescentes em relação à saúde sexual. Isso inclui a implementação de leis e regulamentações que protejam os direitos dos jovens, a alocação de recursos adequados para serviços de saúde sexual, a inclusão da educação sexual nas escolas e a promoção de programas de prevenção de doenças e gravidez na adolescência.

Apesar das políticas públicas, a interação entre os adolescentes e suas famílias é essencial neste contexto de cuidado e na saúde sexual e reprodutiva. É fundamental que as famílias estejam abertas ao diálogo sobre sexualidade, ofereçam apoio emocional, compartilhem informações relevantes e incentivem a tomada de decisões responsáveis. Os pais e responsáveis devem ser aliados na promoção de uma educação sexual saudável e acolhedora, proporcionando um ambiente seguro e confiante para que os adolescentes busquem orientação (Silva et al., 2021).

É importante ressaltar que a forma como a sociedade lida com as questões sexuais da adolescência está em constante evolução. À medida que mais pesquisas são realizadas, a compreensão sobre a sexualidade humana se aprofunda, e a sociedade tende a adotar uma abordagem mais inclusiva, baseada em evidências e respeitosa em relação à sexualidade dos adolescentes.

No entanto, ainda há muito trabalho a ser feito para garantir que todos os jovens tenham acesso a uma educação sexual adequada e um ambiente de apoio que promova o desenvolvimento saudável de sua sexualidade, pois somente por meio dessa abordagem abrangente e colaborativa será possível promover a saúde e o bem-estar sexual dos adolescentes, capacitando-os a tomar decisões informadas e responsáveis em relação à sua própria saúde.

CAPÍTULO II: METODOLOGIA DE PESQUISA

2.1. Tipo de pesquisa

Para elaboração deste trabalho optaremos por pesquisa descritiva, estudo de caso que, segundo Andrade (2003, p.78) consiste em estudar as propriedades do objecto ou fenómeno. Ela visa comparar ou analisar aspectos, dimensões, componentes de um determinado objecto. Nela os fenómenos são observados registados e interpretados, mas não se manipulam as variáveis.

2.2. Modelo de abordagem

Optou-se por uma abordagem mista, isso é, qualitativa e quantitativa com maior destaque a abordagem qualitativa. A primeira modalidade tem um carácter mais explicativo e a segunda, mais estatístico. Neste estudo adotamos uma metodologia qualitativa, que perspectiva das autoras, Streubert e Carpenter (2002, p.25)

Os indivíduos são seleccionados para participar na investigação qualitativa de acordo com a sua experiência, em primeira-mão, da cultura, interação social ou fenómeno de interesse. Neste paradigma a preocupação dos investigadores é a de desenvolver uma descrição rica e densa da cultura ou fenómeno, em vez de utilizar técnicas de amostragem que confirmem a generalização dos dados obtidos.

2.3. Nível de estruturação de métodos

O método é um instrumento da ciência na sondagem da realidade, que organiza os passos a serem seguidos em pesquisas (Fonseca, 2007). Assim sendo, utilizamos neste trabalho os seguintes métodos:

Nível teórico

Hipotético-dedutivo: Segundo Prodanov; Freitas (2003, citado por Marconi e Lakatos), é um método científico que se inicia com um problema ou uma lacuna no conhecimento científico, passando pela formulação de hipóteses e por processo de referência dedutiva, o qual testa a predição da ocorrência de fenómenos abrangidos pela referida hipótese.

Histórico-lógico: Segundo Popper (1977), consiste em investigar os acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar sua influência na sociedade de hoje. Este método permitiu nos estudar o desenvolvimento histórico dos conceitos inerentes ao Impacto do processo de fusão e aquisição de empresas como factor competitivo.

Analítico-sintético: para Lakatos e Marconi (2002) é a tentativa de evidenciar relações existentes entre o fenómeno estudado e outros factores. Essas relações podem ser estabelecidas em função das suas propriedades, relações de causas e efeitos.

Indução e dedução: Para Michel, (2015), são operações mentais, formas de raciocínio, conclusões baseadas na reflexão e não, apenas, do livre curso do pensamento, que se alimenta da realidade externa e é produto direto da experiência: é natural, dispersivo, espontâneo, tem compromisso com sentimento, e com a opinião.

Nível experimental

Inquérito por questionário: segundo Rodrigues (2006), o questionário também é um instrumento de colecta de dados, constituído por uma lista de questões relacionadas com o problema de pesquisa, o mesmo deve ser aplicado a um número determinado de informantes.

2.4. Técnica de recolha

O questionário é uma técnica de investigação composta por um número razoável de perguntas apresentadas por escrito às empresas, tendo por objectivo o conhecimento dos interesses, expectativas e situações vividas? (Gil 1994, p.128). A utilização desta técnica terá por fim os seguintes objetivos:

2.5. Instrumentos e procedimentos de recolha

O inquérito por questionário é o instrumento que será aplicado sob forma de escrita com perguntas fechadas ou abertas, com objectivo de obter informações, e será dirigido a todos os funcionários da empresa.

2.6. População e amostra

Silva (2007) define universo como um conjunto de indivíduos, elementos ou fenómenos que têm uma característica comum.

Todos os adolescentes matriculados na Escola nº 4078 Padre Ernesto Rafael em 2024 que, foi constituída por 250 adolescentes, 32 professores. Perfazendo um total de 304 elementos. Destes, foi extraída uma amostra de 116 elementos, 70 adolescentes e 16 professores e 30 pais ou encarregados de educação que corresponderá à 32% da população.

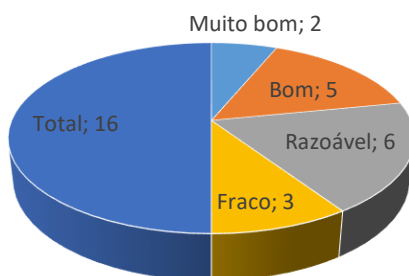
Extraímos uma população de 404 elementos. Destes como amostra inclui um total de 116 elementos, 16 professores, 70 adolescentes, 30 pais ou encarregados de educação que correspondem a 38% da população.

CAPÍTULO III: DISCUSSÃO E RESULTADOS

3.1. Inquérito aplicado aos professores

Tabela e gráfico nº 01. Como avalia o nível de compreensão dos alunos sobre identidade de gênero?

Designação	Frequência	%
Muito bom	2	12,5
Bom	5	31,25
Razoável	6	37,5
Fraco	3	18,75
Total	16	100

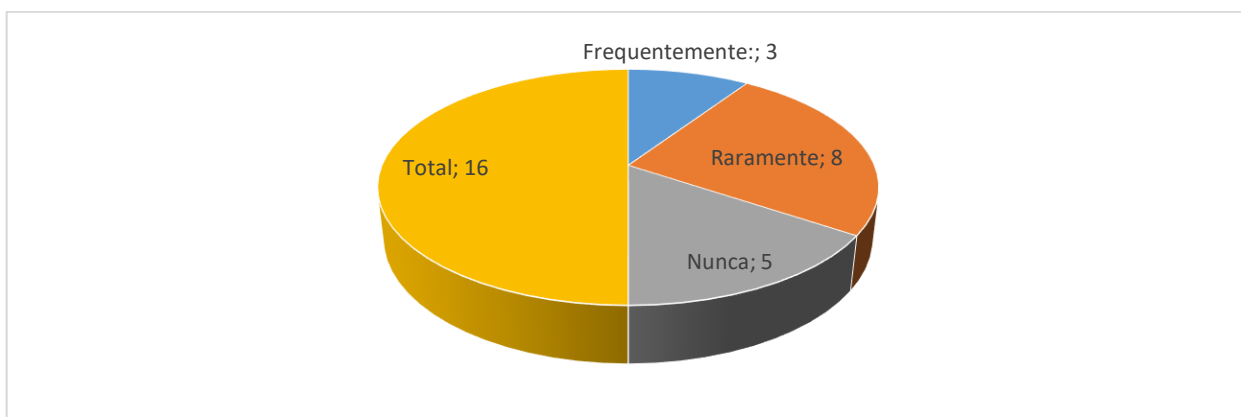


Fonte: Elaboração própria 2023/2024

Os resultados acima sugerem que, embora a maioria dos professores avalie o nível de compreensão dos alunos como razoável ou bom (68,75% no total), ainda há uma parcela significativa que acredita que o nível é fraco (18,75%). Isso pode indicar uma necessidade de capacitação adicional para os professores, além de um reforço no currículo escolar, para que o tema seja abordado de forma mais eficaz e acessível aos alunos. Segundo Mendes (2021), a compreensão sobre identidade de gênero nas escolas está diretamente relacionada ao nível de educação inclusiva e à abordagem didática adotada pelos professores.

Tabela e gráfico nº 02. A escola promove discussões ou actividades educativas sobre identidade de gênero?

Designação	Frequência	%
Frequentemente:	3	18,75
Raramente	8	50
Nunca	5	31,25
Total	16	100



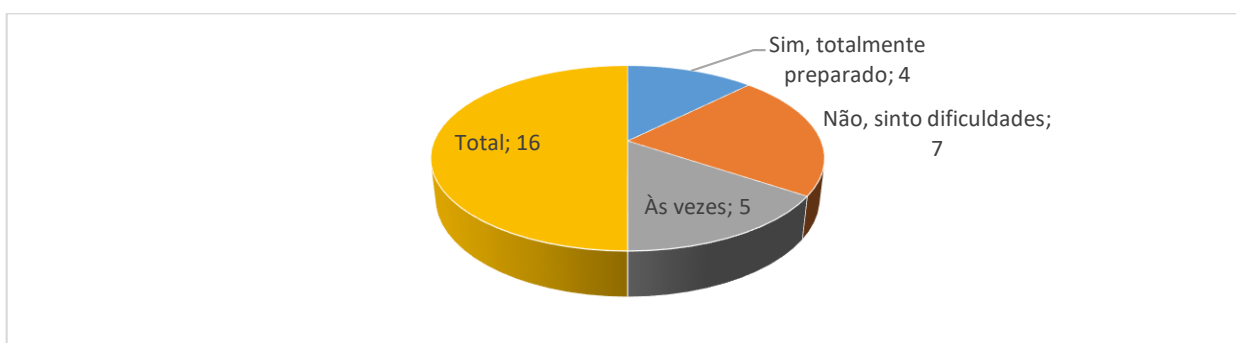
Fonte: Elaboração própria 2023/2024

No entanto, a falta de regularidade nessas atividades pode limitar o impacto positivo que elas têm na compreensão e aceitação de temas relacionados ao gênero. Os resultados mostram que a maioria dos professores indica que a escola raramente (50%) ou nunca (31,25%) promove essas discussões. Isso reflete um possível déficit na implementação de políticas educacionais voltadas para a diversidade de gênero, o que pode comprometer o desenvolvimento de uma cultura mais inclusiva dentro do ambiente escolar.

De acordo com Silva (2022), a promoção de discussões e atividades educativas sobre identidade de gênero nas escolas é fundamental para o desenvolvimento de um ambiente inclusivo e respeitoso.

Tabela e gráfico nº03. Sente-se preparado para abordar o tema identidade de gênero em sala de aula?

Designação	Frequência	%
Sim, totalmente preparado	4	25
Não, sinto dificuldades	7	43,75
Às vezes	5	31,25
Total	16	100



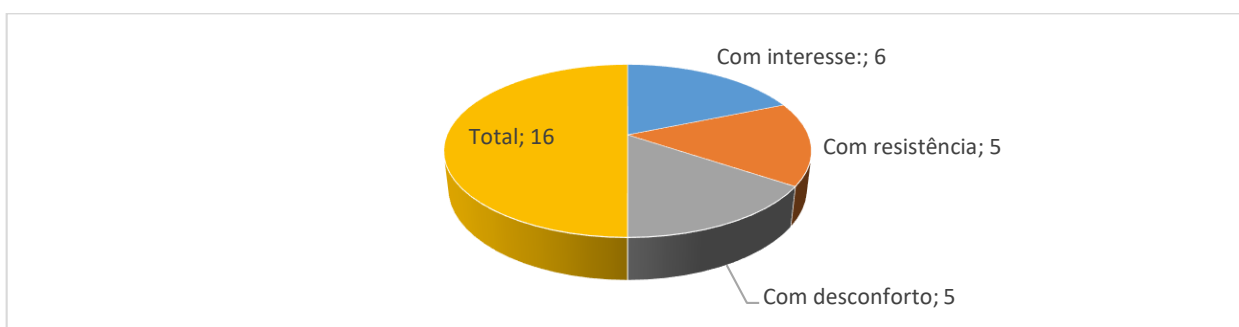
Fonte: Elaboração própria 2023/2024

Os resultados mostram que 43,75% dos professores ainda sentem dificuldades em lidar com o tema, o que pode estar relacionado à falta de formação específica ou apoio institucional. Além disso, 31,25% dos professores sentem-se preparados apenas em algumas situações, o que sugere a necessidade de maior capacitação e treinamento contínuo para que possam abordar o tema com mais segurança. Apenas 25% se sentem totalmente preparados, indicando que há um caminho a ser percorrido para garantir que todos os professores estejam aptos a tratar do tema de forma eficaz e inclusiva.

Segundo Costa (2023), a preparação docente para abordar temas como identidade de gênero está diretamente ligada à formação continuada e à disponibilidade de recursos pedagógicos adequados.

Tabela e gráfico nº 04. Em sua opinião, como os alunos reagem ao tema identidade de gênero?

Designação	Frequência	%
Com interesse:	6	37,5
Com resistência	5	31,25
Com desconforto	5	31,25
Total	16	100



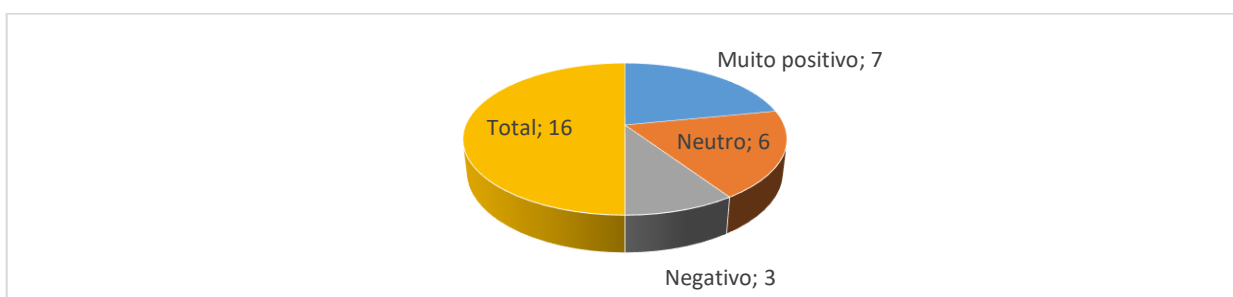
Fonte: Elaboração própria 2023/2024

Os resultados demonstram que 37,5% dos professores percebem interesse dos alunos, o que indica que há uma abertura para aprender sobre o tema, especialmente em contextos onde a abordagem é inclusiva e respeitosa. No entanto, uma parcela considerável dos alunos reage com resistência (31,25%) ou desconforto (31,25%), o que pode ser reflexo de preconceitos, falta de informação ou de um ambiente escolar que não proporciona discussões abertas e seguras sobre o assunto. Isso sugere a importância de criar um ambiente educacional acolhedor e informativo para minimizar tais reações negativas.

De acordo com Pereira (2020), a reação dos alunos ao tema identidade de gênero varia de acordo com a cultura escolar, o contexto sociocultural e a forma como o tema é introduzido.

Tabela e gráfico nº05. Qual é a sua percepção sobre o impacto da discussão sobre identidade de gênero no ambiente escolar?

Designação	Frequência	%
Muito positivo	7	43,75
Neutro	6	37,5
Negativo	3	18,75
Total	16	100



Fonte: Elaboração própria 2023/2024

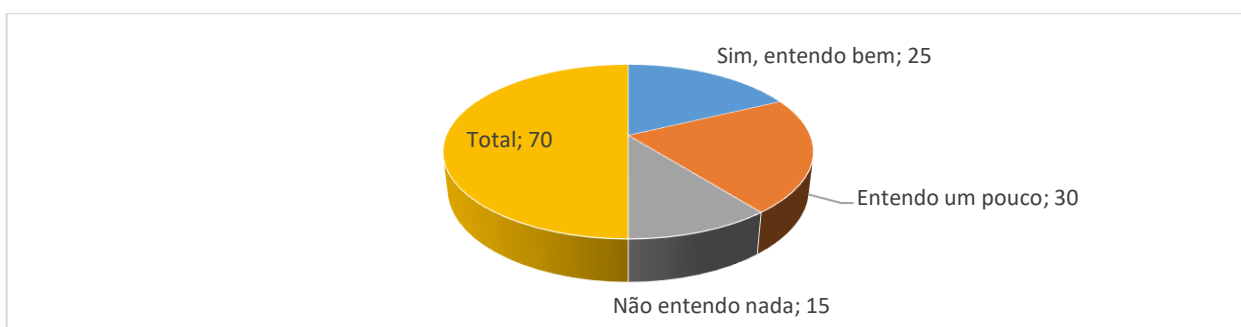
Os resultados mostram que 43,75% dos professores percebem um impacto muito positivo dessas discussões, sugerindo que elas contribuem para um ambiente mais inclusivo e compreensivo. No entanto, 37,5% mantêm uma visão neutra, o que pode indicar uma falta de percepção sobre os benefícios claros dessas discussões ou uma implementação inconsistente. Já 18,75% percebem um impacto negativo, o que pode estar relacionado à resistência de algumas comunidades escolares a temas relacionados à identidade de gênero, reforçando a necessidade de uma abordagem cuidadosa e bem estruturada para superar barreiras e garantir um impacto construtivo.

Segundo Oliveira (2021), a discussão sobre identidade de gênero no ambiente escolar tem o potencial de promover a inclusão, o respeito à diversidade e a redução de preconceitos, impactando positivamente o clima escolar.

3.2. Inquérito aplicado aos alunos

Tabela e gráfico nº06. Entende o que significa identidade de gênero?

Designação	Frequência	%
Sim, entendo bem	25	35,71
Entendo um pouco	30	42,86
Não entendo nada	15	21,43
Total	70	100



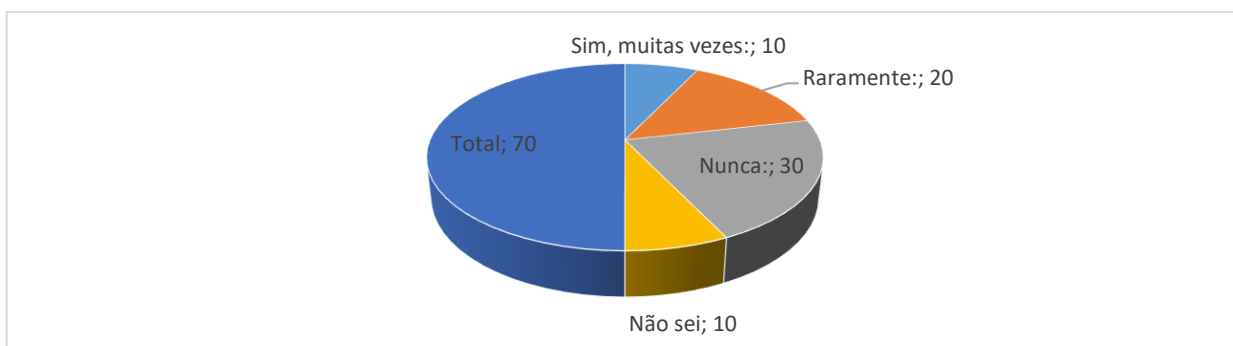
Fonte: Elaboração própria 2023/2024

Os resultados mostram que apenas 35,71% dos alunos afirmam entender bem o conceito de identidade de gênero, enquanto 42,86% indicam que entendem apenas um pouco. Isso sugere uma necessidade de aprofundamento e uma abordagem mais eficaz sobre o tema nas escolas. Além disso, 21,43% dos alunos não entendem nada sobre o assunto, o que pode refletir lacunas significativas na educação sobre diversidade de gênero. Este panorama destaca a importância de iniciativas educacionais que promovam um entendimento claro e abrangente, contribuindo para a formação de uma cultura de respeito e aceitação nas escolas.

De acordo com Santos (2022), a compreensão de identidade de gênero entre os jovens está relacionada à educação e ao ambiente social em que estão inseridos.

Tabela e gráfico nº07. Já discutiu sobre identidade de gênero na escola?

Designação	Frequência	%
Sim, muitas vezes:	10	14,29
Raramente:	20	28,57
Nunca:	30	42,86
Não sei	10	14,29
Total	70	100

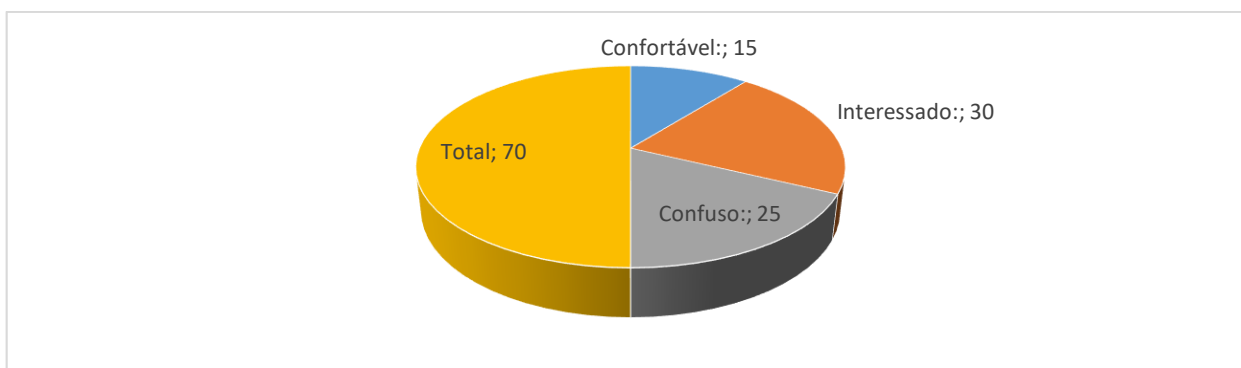


Fonte: Elaboração própria 2023/2024

Os resultados revelam que apenas 14,29% dos alunos participaram de discussões sobre identidade de gênero muitas vezes, enquanto 28,57% relataram que isso ocorre raramente. A alta percentagem de alunos que nunca discutiram o tema (42,86%) e a proporção significativa que não sabem se essas discussões ocorreram (14,29%) indicam uma falha na implementação de políticas educacionais que promovam a diversidade e o respeito à identidade de gênero. Essa falta de diálogo pode resultar em desinformação e preconceitos, tornando essencial que as escolas desenvolvam e integrem ativamente currículos que abordem esses temas, visando preparar os alunos para um mundo mais diverso e inclusivo. Segundo Almeida (2021), a discussão sobre identidade de gênero nas escolas é crucial para a formação de uma consciência crítica e inclusiva entre os alunos.

Tabela e gráfico nº08. Como se sente ao discutir identidade de gênero na escola?

Designação	Frequência	%
Confortável:	15	21,43
Interessado:	30	42,86
Confuso:	25	35,71
Total	70	100

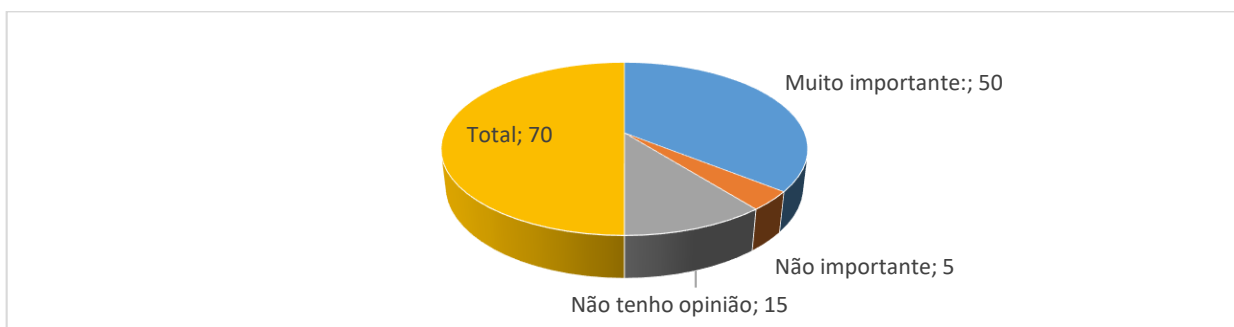


Fonte: Elaboração própria 2023/2024

Nos resultados, 42,86% dos alunos se sentem interessados ao abordar o tema, o que é encorajador, pois sugere uma abertura para a aprendizagem e o debate. No entanto, 21,43% se sentem confortáveis, enquanto 35,71% se sentem confusos. Essa última percentagem significativa de alunos que se sentem confusos pode indicar a necessidade de um melhor esclarecimento e suporte nas discussões sobre identidade de gênero. É essencial que as escolas não apenas promovam o diálogo, mas também ofereçam um espaço seguro e esclarecedor, onde os alunos possam expressar suas dúvidas e preocupações, facilitando uma melhor compreensão e aceitação do tema.

Tabela e gráfico nº 09. Em sua opinião, o respeito à identidade de gênero é importante?

Designação	Frequência	%
Muito importante:	50	71,43
Não importante	5	7,14
Não tenho opinião	15	21,43
Total	70	100

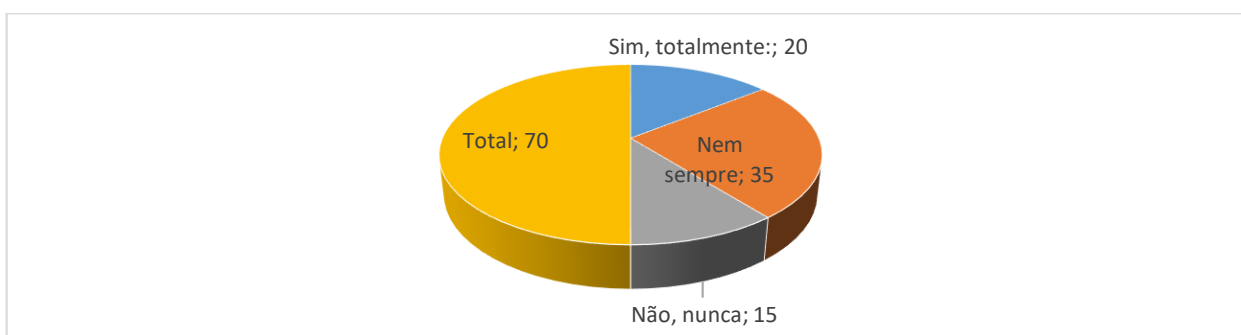


Fonte: Elaboração própria 2023/2024

Os resultados mostram que uma ampla maioria dos alunos (71,43%) considera o respeito à identidade de gênero como muito importante, o que demonstra uma conscientização significativa sobre a relevância do tema. Apenas 7,14% dos alunos acreditam que isso não é importante, enquanto 21,43% afirmam não ter uma opinião formada. Essa alta valorização do respeito à identidade de gênero indica uma disposição positiva em relação à diversidade e sugere que, se apoiados por discussões e educação adequadas, os alunos estão prontos para construir um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso. Contudo, é crucial trabalhar com aqueles que não têm uma opinião clara, proporcionando informações e debates que possam ajudá-los a entender a importância desse respeito em suas vidas e na sociedade.

Tabela e gráfico nº10. Sente que a escola respeita a identidade de gênero dos alunos?

Designação	Frequência	%
Sim, totalmente:	20	28,57
Nem sempre	35	50
Não, nunca	15	21,43
Total	70	100



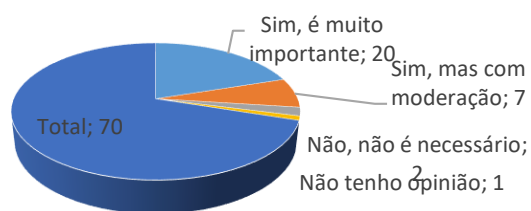
Fonte: Elaboração própria 2023/2024

Nos resultados obtidos, apenas 28,57% dos alunos sentem que a escola respeita totalmente a identidade de gênero, o que sugere que há um espaço considerável para melhorias nas políticas e práticas escolares. A maior parte dos alunos (50%) acredita que o respeito não é constante, enquanto 21,43% afirmam que a escola nunca respeita sua identidade de gênero. Essa percepção revela uma lacuna significativa entre a teoria e a prática, indicando a necessidade urgente de implementar medidas efetivas para garantir o respeito e a inclusão. Para promover um ambiente verdadeiramente acolhedor, é crucial que as escolas desenvolvam políticas claras e ações concretas que reforcem o respeito à diversidade de gênero, assegurando que todos os alunos se sintam valorizados e respeitados.

3.3. Inquérito aplicado aos 30 pais e encarregados de educação

Tabela e gráfico nº11. Acha que é importante discutir identidade de gênero na escola?

Designação	Frequência	%
Sim, é muito importante	20	66,67
Sim, mas com moderação	7	23,33
Não, não é necessário	2	6,67
Não tenho opinião	1	3,33
Total	70	100



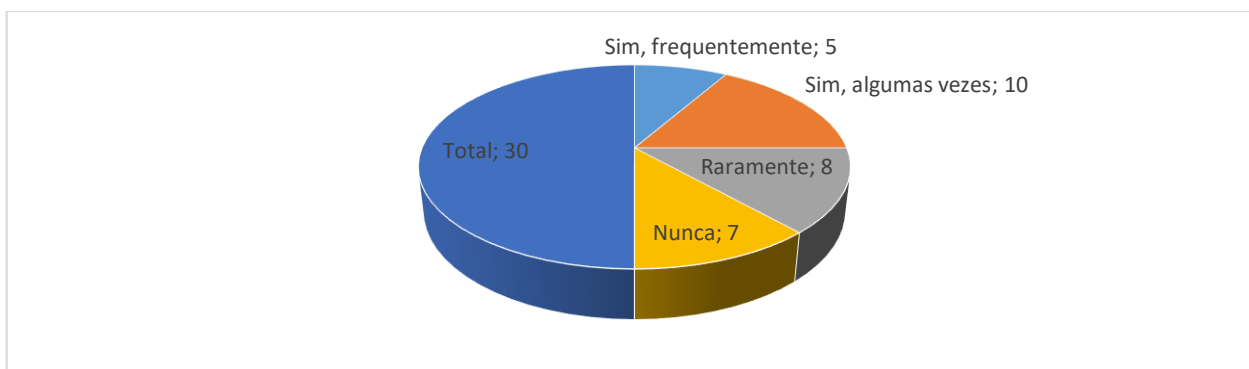
Fonte: Elaboração própria 2023/2024

Nos resultados, 66,67% dos professores consideram que a discussão é muito importante, o que indica uma conscientização significativa sobre a relevância do tema. Além disso, 23,33% acreditam que a discussão deve ser feita com moderação, o que pode refletir preocupações sobre a abordagem do tema e seu impacto no ambiente escolar. A pequena percentagem que não vê a necessidade de discutir o assunto (6,67%) e aqueles que não têm uma opinião formada (3,33%) indicam uma resistência menor, mas que ainda existe. A prevalência de respostas que apoiam a discussão sugere que, se bem conduzidas, as iniciativas educativas sobre identidade de gênero podem ter um impacto positivo na formação dos alunos e na cultura escolar.

Segundo Costa (2023), discutir identidade de gênero nas escolas é fundamental para promover um ambiente educacional inclusivo e respeitoso, ajudando a reduzir preconceitos e estigmas associados a questões de gênero.

Tabela e gráfico nº12. Já conversou com seu filho(a) sobre identidade de gênero?

Designação	Frequência	%
Sim, frequentemente	5	16,67
Sim, algumas vezes	10	33,33
Raramente	8	26,67
Nunca	7	23,33
Total	30	100



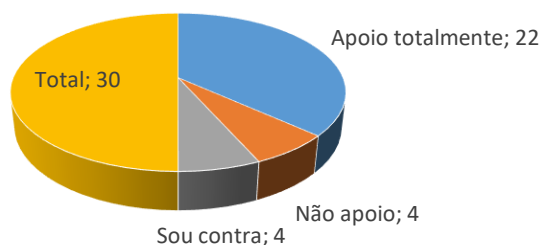
Fonte: Elaboração própria 2023/2024

Nos resultados obtidos, apenas 16,67% dos professores afirmam ter conversado frequentemente com seus filhos sobre o tema, o que sugere que esse importante assunto pode não estar sendo abordado com a frequência necessária. A maioria (33,33%) conversou algumas vezes, mas uma parte considerável dos professores (26,67%) raramente discute o tema, e 23,33% nunca o faz. Essa falta de diálogo pode ser indicativa de uma hesitação em abordar questões de gênero, possivelmente devido à falta de informações ou receios sobre a reação das crianças.

Conforme enfatiza Almeida (2022), o diálogo sobre identidade de gênero entre pais e filhos é crucial para o desenvolvimento de uma consciência crítica e inclusiva nas novas gerações.

Tabela e gráfico nº13. Como se sente em relação a escola abordarem o tema identidade de gênero?

Designação	Frequência	%
Apoio totalmente	22	73,33
Não apoio	4	13,33
Sou contra	4	13,33
Total	30	100



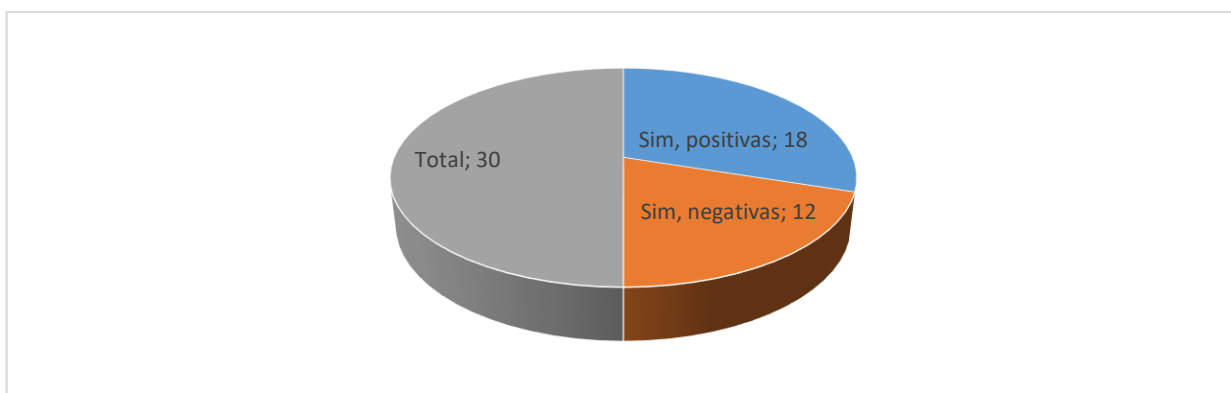
Fonte: Elaboração própria 2023/2024

Nos resultados, 73,33% dos professores manifestam total apoio à abordagem do tema, indicando uma forte conscientização sobre a importância da discussão de identidade de gênero na formação dos alunos e na construção de um ambiente escolar inclusivo. No entanto, 13,33% dos professores não apoiam essa abordagem, e outros 13,33% se declararam contra, o que revela uma minoria significativa que pode representar visões mais tradicionais ou conservadoras sobre questões de gênero. Esse panorama destaca a necessidade de promover formações continuadas e debates que ajudem a esclarecer a importância do respeito à diversidade de gênero, garantindo que todos os educadores estejam alinhados com práticas educativas que promovam a inclusão e o respeito entre os alunos.

De acordo com Sousa (2023), o apoio dos educadores para abordar a identidade de gênero nas escolas é essencial para promover uma cultura de respeito e inclusão.

Tabela e gráfico nº14. Percebe mudanças na postura do seu filho(a) após discussões sobre identidade de gênero na escola?

Designação	Frequência	%
Sim, positivas	18	60
Sim, negativas	12	40
Total	30	100



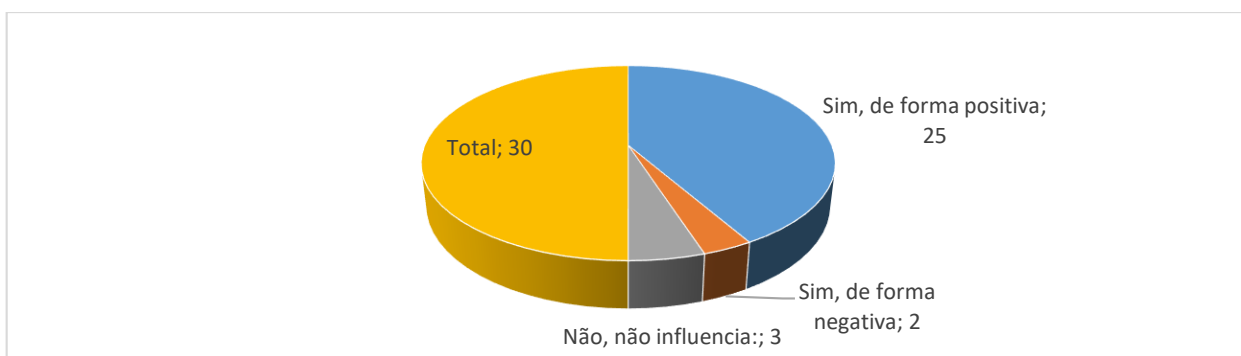
Fonte: Elaboração própria 2023/2024

Nos resultados, 60% dos professores observam mudanças positivas na postura de seus filhos após as discussões sobre identidade de gênero, sugerindo que esses diálogos têm o potencial de fomentar uma maior aceitação e compreensão entre as crianças. Por outro lado, 40% dos professores relataram mudanças negativas, o que pode indicar que alguns alunos estão enfrentando desafios ao integrar essas novas informações em suas interações sociais, possivelmente devido a preconceitos existentes ou resistência em seus círculos sociais. Essa divisão nas percepções ressalta a importância de um suporte contínuo e de um acompanhamento cuidadoso dos alunos após a introdução de temas sensíveis como a identidade de gênero.

Segundo Martins (2021), a discussão sobre identidade de gênero nas escolas pode influenciar significativamente a formação de atitudes e comportamentos das crianças, promovendo um ambiente mais inclusivo e respeitoso.

Tabela e gráfico nº15. Acredita que discutir identidade de gênero na escola pode influenciar o comportamento dos alunos?

Designação	Frequência	%
Sim, de forma positiva	25	83,33
Sim, de forma negativa	2	6,67
Não, não influencia:	3	10
Total	30	100



Fonte: Elaboração própria 2023/2024

Nos resultados obtidos, 83,33% dos professores acreditam que discutir identidade de gênero pode influenciar o comportamento dos alunos de forma positiva, refletindo uma forte convicção de que a educação inclusiva contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos. Apenas 6,67% dos professores acham que essa discussão pode ter uma influência negativa, enquanto 10% acreditam que não há influência. A alta proporção de apoio à ideia de que a discussão pode ter um impacto positivo enfatiza a importância de se adotar políticas educacionais que promovam o diálogo sobre questões de gênero.

De acordo com Ferreira (2022), a discussão sobre identidade de gênero nas escolas é fundamental para moldar comportamentos e atitudes dos alunos, promovendo uma cultura de respeito e empatia.

CONCLUSÕES

A pesquisa sobre a percepção dos adolescentes da Escola Nº 4078 Padre Ernesto Rafael em relação à identidade de gênero permitiu compreender, de forma abrangente, os fatores que moldam essa percepção e seus impactos no contexto escolar. Com base na análise dos dados coletados e considerando a pergunta de partida, foi possível verificar que as hipóteses levantadas inicialmente foram parcialmente confirmadas.

A primeira hipótese foi confirmada, uma vez que a análise dos inquéritos revelou que muitos alunos demonstram entendimento limitado sobre o tema, o que reforça atitudes preconceituosas e estereotipadas.

A segunda hipótese foi amplamente confirmada, com os dados indicando que os valores e normas transmitidos pelas famílias desempenham um papel central na construção das visões dos adolescentes sobre identidade de gênero.

A terceira e última hipótese foi confirmada apenas em parte, já que embora os professores reconheçam a importância do tema, as ações pedagógicas ainda são insuficientes para promover uma compreensão inclusiva e transformar atitudes.

O objectivo geral, de avaliar a percepção dos adolescentes sobre identidade de gênero, foi alcançado por meio da colecta de dados junto a alunos, professores e encarregados de educação. Os cobjetivos específicos também foram atingidos: os fatores culturais, sociais e familiares que influenciam a percepção foram identificados, mostrando forte impacto das crenças tradicionais. A análise revelou que, apesar de alguns esforços pontuais, o ambiente escolar ainda carece de estratégias eficazes para abordar o tema de forma estruturada. Foram propostas estratégias pedagógicas baseadas nas lacunas identificadas, incluindo capacitações para professores e criação de espaços de diálogo.

Os dados recolhidos dos diferentes grupos apresentaram convergências e divergências:

Alunos, professores e encarregados de educação reconheceram que o tema da identidade de gênero é relevante, mas sensível, e que há uma necessidade de maior conscientização e diálogo.

Enquanto os professores apontaram limitações no suporte institucional e nos materiais pedagógicos, os pais destacaram preocupações sobre o impacto cultural e social da abordagem do tema na escola. Os alunos, por sua vez, revelaram um interesse crescente, mas também uma confusão em relação ao conceito de identidade de gênero.

Este estudo contribui significativamente para a compreensão de como a identidade de gênero é percebida no contexto escolar angolano. As hipóteses e os objectivos foram abordados de maneira consistente, fornecendo uma base sólida para futuras intervenções pedagógicas e pesquisas que promovam a inclusão e o respeito à diversidade no ambiente escolar.

SUGESTÕES

A Direção da Escola e Professores

Promover formações regulares para os professores sobre temas relacionados à identidade de gênero, diversidade e inclusão, capacitando-os a abordar esses assuntos de forma pedagógica e sensível.

Desenvolver e implementar políticas e práticas escolares que valorizem a diversidade de gênero, criando um ambiente seguro e acolhedor para todos os alunos.

Organizar debates, palestras e workshops que incentivem a reflexão sobre identidade de gênero entre alunos, professores e a comunidade escolar.

Incorporar materiais pedagógicos que abordem a questão da identidade de gênero de forma educativa, respeitando o contexto cultural e promovendo a inclusão.

Disponibilizar serviços de apoio psicológico para auxiliar os alunos em questões relacionadas à identidade de gênero e outros desafios pessoais.

Para os Alunos

Incentivar os alunos a participar de atividades educativas que promovam o respeito às diferenças e uma compreensão mais ampla sobre identidade de gênero.

Criar grupos de discussão ou clubes onde os alunos possam compartilhar suas opiniões e experiências de maneira respeitosa e segura.

Estimular os alunos a agir como agentes de mudança na escola, promovendo atitudes de respeito e combate ao preconceito.

Aos Pais ou Encarregados de Educação

Incentivar conversas abertas e respeitosas em casa sobre identidade de gênero, ajudando os adolescentes a compreender o tema com mais clareza e empatia.

Participar de encontros e palestras organizados pela escola para obter informações sobre identidade de gênero e como apoiar os filhos nesse aspecto.

Oferecer apoio emocional e estar disponível para ouvir os adolescentes, reconhecendo suas dúvidas e desafios relacionados ao tema.

Colaborar com a escola no desenvolvimento de estratégias que promovam um ambiente inclusivo e respeitoso para todos os alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albertini, M., Prandini, R. (2021). Care inequality in later life in ageing societies. London : Routledge [10.4324/9780429470059-27]. Tutti gli autori
- Alexandroff, P. (2014) Diskrete Raume. Matematicheskii Sbornik, 2, 501-519
- Almeida, J. (2022). A importância do diálogo sobre identidade de gênero nas famílias. Editora Educacional.
- Andrade, J. P. de. (2003). Desigualdades de gênero em Angola: Estruturas sociais e políticas. Luanda: Ed. Kilamba.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade* : entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro : J. Zahar.
- Boffi, L. C.; Santos, M. A. (2022). Identidade de gênero de homens transexuais à luz de Paul Preciado. Revista Estudos Feministas, v. 30, n. 2
- Brêtas, J. R. S; et al.(2011) Os rituais de passagem segundo adolescentes. Acta Paul. Enferm., v. 21, n. 3, p. 404-411.
- Caetano, M.; Lima, C. H. L.; Castro, A. M. (2019). Diversidade sexual, gênero e sexualidades: temas importantes à educação democrática. In: Colloquium Humanarum. ISSN: 1809-8207.
- Carvalho, J. B., & Melo, M. C. (2019). A Família E Os Papeis De Gênero Na Adolescência. Psicologia & Sociedade, v.31, p. e168505, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31168505>
- Carvalho, M. (2012). A construção das identidades no espaço escolar. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1, p. 209-227.
- Costa, M. (2023). Educação inclusiva e identidade de gênero: uma abordagem necessária. Editora Acadêmica.
- De Carvalho, M., & Rabechini, R. (2015). Impact of Risk Management on Project Performance: The Importance of Soft Skills. International Journal of Production Research.

- De Sousa, P; José F, M. (2007). A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. Revista Iberoamericana de Educación
- Dias, M. C., & Fonseca, P. L. (2020). Identidade de Gênero e Expressão Pessoal. Revista de Ciências Humanas, 14(3), 67-83.
- Ferreira, A. (2022). Identidade de gênero na educação: desafios e possibilidades. Editora do Conhecimento.
- Ferreira, M. P., & Costa, R. S. (2023). Percepção e Experiência: Interações entre o Cognitivo e o Social. Revista Brasileira de Psicologia Social, 7(4), 85-102.
- Fonseca, V. (2007) Educação Especial. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Forquin, Jean-C. (1993). Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Foucault, M. (2015). Conversa com Michel Foucault. Repensar a política. (A. Pessoa, Trad.) (pp. 289-347) Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado 1980).
- Gil, A. C. (2002). Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas..
- _____ (1994) Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas.
- Gonçalves, M. C.; Gonçalves, J. P.. (2021). Gênero, identidade de gênero e orientação sexual: Conceitos e determinações de um contexto social. Revista Ciências Humanas, v. 14, n. 1.
- Horta, L. C. (2019). Vivências da sexualidade na adolescência e seus impactos sobre a relação dos (as)adolescentes com a escola. Brazilian Journal of Development, n.5, v.10, p.18418–18439, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv5n10>
- Júnior. N.R. (2018). Identidade e sexualidade na contemporaneidade. In: CORRÊA, Rosa. O discurso sobre o outro e as práticas sociais. Belo Horizonte: PUC Minas, Cap. 7, p.141.
- Lakatos, Eva Maria. (2002) Fundamentos de metodologia científica / Marina de Andrade Marconi, Eva. Maria Lakatos. – 5. ed. – São Paulo: Atlas.

- Louro, G. L. (2004). Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica.
- Maieron, J. C; Frison, M. D. (2018). A importância da escola no processo de constituição do humano na visão de estudantes do ensino médio. Mostra interativa da produção estudantil em educação científica e tecnológica.
- Martins, R. (2021). Mudanças comportamentais em crianças após discussões sobre gênero. *Revista Brasileira de Educação*, 26(3), 45-60.
- Monroy, A. M., Silva, K. L. (2023). Silenciamento da sexualidade do adolescente no contexto rural. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v.26, p.e210572, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.210572>. ISSN 1807-5762. doi:10.1590/interface.210572.
- Moraes, L Aparecida S.S. (2009). Identidade do adolescente na contemporaneidade: contribuições da escola. *TransForm. Psicol. (Online)*, São Paulo , v. 2, n. 1, p. 86
- Moura, F. C. (2021). O Papel da Percepção na Formação de Significados. *Estudos em Psicologia*, 12(1), 34-49.
- Nogueira, R. F. (2023). Identidade de Gênero: Concepções e Vivências. *Revista de Estudos de Gênero*, 20(1), 100-120.
- Oliveira, G. S. (2023). Gênero: Construções Culturais e Impactos Sociais. *Revista de Ciências Sociais Contemporâneas*, 11(4), 95-112
- Papalia, D. E. e Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre, Artmed, 12ª ed.
- Pereira, T. L., & Almeida, S. N. (2022). Adolescência e Desenvolvimento biopsicossocial. *Jornal de Psicologia e Saúde*, 10(2), 110-126.
- Popper, K.R. (1977) *Autobiografia intelectual*. São Paulo: Cultrix.
- Prodanov, C. C.(2003) *Manual de metodologia científica*. 3. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale.
- GIL, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.

- Ribeiro, S. (2021). Respeito à identidade de gênero na escola: um estudo sobre práticas inclusivas. *Journal of Gender Studies*, 12(4), 233-250.
- Rodriguês, A. M. (2021). A Adolescência e Seus Desafios. *Cadernos de Educação e Psicologia*, 15(2), 78-94.
- Rodriguês, D (org.)(2006) “Inclusão e Educação: doze olhares sobre a Educação Inclusiva”, S. Paulo. Summus. Editorial.
- Santos, J. R. (2020). Adolescência: Transição e Transformação. *Revista de Desenvolvimento Humano*, 5(3), 23-39.
- Silva G, A., et al. (2021). Informações sobre sexo e sexualidade na adolescência: uma barreira a ser vencida. *Hu rer*. v.47, p.1-7. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/33961>.
- Silva, A. F. G. (2007). A busca do tema gerador na práxis da educação popular. Curitiba: Editora Gráfica Popular.
- Silva, L. A. (2022). Percepção e Processos Cognitivos: Uma Análise Psicológica. *Revista de Psicologia Cognitiva*, 18(2), 45-67.
- Silva, T. A., & Andrade, F. C. (2022). Gênero e Cultura: Normas e Identidades. *Revista Internacional de Estudos de Gênero*, 8(1), 12-29.
- Sousa, L. (2022). O papel do educador na discussão de identidade de gênero. Editora Ensino e Aprendizagem.
- Souza, V. L. T. (2022). DE .. Contribuições da Psicologia à educação escolar: perpetuação ou transformação das desigualdades sociais?. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 39, p. e200178.
- Tilio, R. Haines, L. F. (2021). Vivência intersexos: identidade, autopercepção, designação sexual e seus desdobramentos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 41.
- Vieira, A. G., & Henriques, M. R. (2014). A construção narrativa da identidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27, 163-170.
- Vygotsky, L. S. (2000). Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, 21, 21-44.

APÊNDICES

Inquérito para Professores

Este inquérito busca entender as percepções dos adolescentes sobre identidade de gênero na Escola 4078, Padre Ernesto Rafael, na Centralidade de Cacuaco, Luanda, em 2024. O tema é relevante para compreender como os jovens lidam com questões de gênero no ambiente escolar. Pretende-se identificar conhecimentos, atitudes e desafios enfrentados por esses estudantes em relação à identidade de gênero. As respostas são anônimas e serão usadas apenas para fins acadêmicos.

1. Como avalia o nível de compreensão dos alunos sobre identidade de gênero?
 - a) Muito bom____
 - b) Bom_____
 - c) Razoável_____
 - d) Fraco_____
2. A escola promove discussões ou actividades educativas sobre identidade de gênero?
 - a) Frequentemente_____
 - b) Raramente_____
 - c) Nunca_____
3. Sente-se preparado para abordar o tema identidade de gênero em sala de aula?
 - a) Sim, totalmente preparado_____
 - b) Não, sinto dificuldades_____
 - c) As vezes _____
4. Em sua opinião, como os alunos reagem ao tema identidade de gênero?
 - a) Com interesse_____
 - b) Com resistência_____
 - c) Com desconforto_____
5. Qual é a sua percepção sobre o impacto da discussão sobre identidade de gênero no ambiente escolar?
 - a) Muito positivo_____
 - b) Neutro_____
 - c) Negativo_____

Agradecemos sua colaboração.

Inquérito para Alunos

Este inquérito busca entender as percepções dos adolescentes sobre identidade de gênero na Escola 4078, Padre Ernesto Rafael, na Centralidade de Cacuaco, Luanda, em 2024. O tema é relevante para compreender como os jovens lidam com questões de gênero no ambiente escolar. Pretende-se identificar conhecimentos, atitudes e desafios enfrentados por esses estudantes em relação à identidade de gênero. As respostas são anônimas e serão usadas apenas para fins acadêmicos.

1. Entende o que significa identidade de gênero?
 - a) Sim, entendo bem_____
 - b) Entendo um pouco_____
 - c) Não entendo nada_____
2. Já discutiu sobre identidade de gênero na escola?
 - a) Sim, muitas vezes_____
 - b) Raramente_____
 - c) Nunca_____
 - d) Não sei_____
3. Como se sente ao discutir identidade de gênero na escola?
 - a) Confortável_____
 - b) Interessado_____
 - c) Confuso_____
4. Em sua opinião, o respeito à identidade de gênero é importante?
 - a) Muito importante_____
 - b) Não importante_____
 - c) Não tenho opinião
5. Sente que a escola respeita a identidade de gênero dos alunos?
 - a) Sim, totalmente_____
 - b) Nem sempre_____
 - c) Não, nunca

Agradecemos sua colaboração.

Inquérito para Pais e Encarregados de Educação

Este inquérito busca entender as percepções dos adolescentes sobre identidade de gênero na Escola 4078, Padre Ernesto Rafael, na Centralidade de Cacuaco, Luanda, em 2024. O tema é relevante para compreender como os jovens lidam com questões de gênero no ambiente escolar. Pretende-se identificar conhecimentos, atitudes e desafios enfrentados por esses estudantes em relação à identidade de gênero. As respostas são anônimas e serão usadas apenas para fins acadêmicos.

1. Acha que é importante discutir identidade de gênero na escola?
 - a) Sim, é muito importante_____
 - b) Sim, mas com moderação_____
 - c) Não, não é necessário_____
 - d) Não tenho opinião_____
2. Já conversou com seu filho(a) sobre identidade de gênero?
 - a) Sim, frequentemente_____
 - b) Sim, algumas vezes_____
 - c) Raramente_____
 - d) Nunca_____
3. Como se sente em relação a escola abordarem o tema identidade de gênero?
 - a) Apoio totalmente_____
 - b) Não apoio_____
 - c) Sou contra_____
4. Percebe mudanças na postura do seu filho(a) após discussões sobre identidade de gênero na escola?
 - a) Sim, positivas_____
 - b) Sim, negativas_____
5. Acredita que discutir identidade de gênero na escola pode influenciar o comportamento dos alunos?
 - a) Sim, de forma positiva_____
 - b) Sim, de forma negativa_____
 - c) Não, não influencia_____

Agradecemos sua colaboração.

ANEXOS